



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE LETRAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE  
LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

MARIA LUIZA DINIZ MILANEZ

***NOLITE TE BASTARDES CARBORUNDORUM: UM OLHAR SOBRE AS  
RELAÇÕES FEMININAS EM O CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD***

João Pessoa

2019

MARIA LUIZA DINIZ MILANEZ

*NOLITE TE BASTARDES CARBORUNDORUM: UM OLHAR SOBRE AS  
RELAÇÕES FEMININAS EM O CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Letras – Língua Inglesa  
da Universidade Federal da Paraíba, como parte das  
exigências para a obtenção do título de Licenciado  
em Letras – Língua Inglesa.

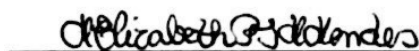
João Pessoa, 10 de setembro de 2019

BANCA EXAMINADORA:



Profª Drª Renata Gonçalves Gomes - UFPB

(Orientadora)



Profª Drª Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior Mendes - UFPB

(1º Examinadora)



Profª Drª Danielle de Luna e Silva - UFPB

(2º Examinador)

João Pessoa

2019



**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

M637n Milanez, Maria Luiza Diniz.

Nolite te bastardes carborundorum: um olhar sobre as relações femininas em O Conto da Aia, de Margaret Atwood / Maria Luiza Diniz Milanez. - João Pessoa, 2019.

46 f.

Orientação: Renata Gomes.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Margaret Atwood. 2. O Conto da Aia. 3. Literatura Canadense. 4. Crítica Feminista. 5. Continuum Lésbico. I. Gomes, Renata. II. Título.

UFPB/CCHLA

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a minha mãe (Ana Cristina) e meu pai (Sérgio Milanez), que nunca desistiram de mim e me apóiam nas adversidades e alegrias da minha vida, obrigada por me estimularem sempre a ser independente e me encorajarem a seguir meus sonhos. A minha avó Sônia, de quem sigo os passos com orgulho para seguir a profissão docente, obrigada pela doçura e as palavras de conforto que sempre me deu nos momentos certos. Minha avó Rosário, pela força e sabedoria que me foi transmitida através dos anos em seu matriarcado na família, obrigada pelos conselhos e pelas histórias contadas nos dias que passamos juntas.

Ao meu namorado Henrique, obrigada por ser sempre meu parceiro e compreensivo em meus momentos de ansiedade; é com você que compartilho sonhos e quero crescer junto. Você é incrível. Para Koda, o melhor cachorro do mundo, que me concedeu o privilégio de tê-lo do meu lado; obrigada pelas lambidinhas de felicidade e por me amparar em momentos tristes. Ao meu irmãozinho Alfredo, que ainda não entende muito do mundo, de quem sou praticamente segunda mãe; obrigada por sempre alegrar meus dias e se preocupar comigo.

Para minha família, meu aconchego e lugar seguro. Amo vocês mais do que palavras podem descrever.

Para minha amiga Flávia, obrigada por não desistir da minha amizade, minha irmã de alma.

Para as Supermodels of the World: Louise, Marcos, Mayara, Léo e Fábio. Obrigada pelas risadas e por me ajudarem a ter força para completar essa jornada, vocês deixam meu mundo mais feliz.

Aos meus colegas de classe, que iniciaram e estão completando este ciclo comigo: Raíssa, Pollyana, Ingrid, Ana Cândida, Hugo, Paulo, Emelyne. Vocês tornaram o fato de ter que acordar cedo para assistir aula uma coisa prazerosa, obrigada.

Em memória de Keo, que ensinou não só a mim, mas também aos meus colegas e amigos, o significado de persistência e motivação. Que todos nós possamos viver seu sonho através de nossas carreiras.

A todas as professoras e professores que entraram em meu caminho e o iluminaram. Renata, Elizabeth, Jeová, Liane, Juliana, Ribamar, Lúcia, Mariana, Fábio, Jailine, Bárbara, Barthyra, Betânia, Elaine, Rafaela, Maura. Obrigada por contribuírem em minha formação.

A minha orientadora, Renata, por me receber de braços abertos.

Para todas as mulheres que conheci e que me inspiraram neste grande contínuo da vida: somos muito mais do que imaginamos, podemos fazer muito mais do que acreditamos, juntas somos invencíveis.

*Nolite te bastardes carborundorum.*

eles podem  
nos oferecer  
vestidos transpassados.

eles podem  
nos presentear com  
asas virgens.

eles podem  
nos forçar  
a usar o nome deles.

eles podem  
nos trancar  
em quartos pequenos.

eles podem  
roubar  
nossas palavras.

eles também podem  
tentar tirar  
nossas escolhas,

mas a única coisa  
que eles não podem  
nunca roubar?

essa  
determinação  
feroz.

- o que june me ensinou (LOVELACE, 2018, p. 101)

## Resumo

O retorno da popularidade da obra da autora canadense Margaret Atwood, *O Conto da Aia*, coincide com a atual onda política conservadora e o retorno da força do movimento feminista. Escrito em um momento onde o feminismo se encontrava em momento de teorização e reavaliação de demandas (TOLAN, 2007), o mundo distópico de *O Conto da Aia* demonstra, em sua narrativa, as dificuldades das mulheres que vivem em um mundo onde o poderio é masculino; podendo ser estabelecidas diversas conexões com a realidade em que vivemos. Isto posto, o presente trabalho possui como principal objetivo analisar algumas das relações femininas presentes na obra, de maneira a observar o magnetismo dessas relações e os mecanismos utilizados para perpetuar o poder masculino. Para tal, a pesquisa terá como embasamento os textos teóricos e críticos de Daly (1970), Schulder (1970) e Rich (1980); de maneira a abordar a relação da Igreja Católica com a mulher, como essa relação era refletida nas leis da época, o estudo da homossexualidade como instituição e continuum lésbico.

**Palavras-chave:** Literatura canadense; Margaret Atwood; O Conto da Aia; Crítica feminista; Continuum lésbico.

## **Abstract**

The current popularity of *The Handmaid's Tale*, by the Canadian author Margaret Atwood coincides with the recent return of conservative values and also the 4<sup>th</sup> feminist wave. Being written in a time where the feminist movement was going through a theorization and demand reevaluation moment (TOLAN, 2007), the dystopic world of *The Handmaid's Tale* demonstrates the difficulties of women who live in a society where power is directed towards men; many common traits can be established given the present time. Thus, the following paper has as its main goal to analyze some of the female relations that take place in the book, observing the magnetism of these relations and the mechanisms used to perpetuate male power. Therefore, the research will have as a theoretical framework the texts written by Daly (1970), Schulder (1970), and Rich (1980); concerning the relationship between women and the Catholic Church, how this relationship was approached in the law at the time, heterosexuality as an institution and lesbian continuum.

**Key-words:** Canadian literature; Margaret Atwood; Feminist critique; Lesbian continuum.

## Sumário

1. Introdução.....	7
2. O universo interpretativo de <i>O Conto da Aia</i> .....	9
3. Intermédios entre <i>O Conto da Aia</i> e a realidade dos anos 1970 e 1980: teorias e pautas.	15
3.1. As mulheres no contexto da Igreja Católica: Adoradas ou ostracizadas? .....	15
3.2. A mulher e a lei: reforçando estereótipos .....	18
3.3. Continuum lésbico e heterossexualidade compulsória: a supressão da conexão entre mulheres .....	22
4. O poder da ditadura de Gilead sobre as relações femininas.....	26
4.1. Gilead: uma sociedade baseada no controle das relações femininas.....	26
4.2. As nuances do continuum lésbico nas relações de personagens femininas em <i>O Conto da Aia</i> .....	32
5. Considerações Finais.....	45
Referências .....	46



## 1. Introdução

*O Conto da Aia*, lançado em 1985 pela escritora canadense Margaret Atwood, conta a história de Offred, uma mulher americana que sentia-se relativamente livre no mundo capitalista dos anos oitenta até este mudar completamente; tornando-se um mundo no qual as mulheres eram divididas por função e hierarquia, sendo ela percebida como apenas uma incubadora humana. Totalitarismo, questões ambientais, questões de fertilidade e misoginia são temas que orbitam sobre a narrativa da autora; sendo combinados numa distopia que em muito reflete a realidade não somente daquela época, mas também da atualidade.

Nos anos oitenta, o movimento feminista estadunidense encontrava-se em uma fase de teorização e reavaliação de demandas; procurando entender as diversas nuances socioculturais que modificam as necessidades imediatas de cada mulher (TOLAN, 2007). Tais demandas, que primeiramente focaram-se na inclusão da participação feminina em decisões públicas (como a questão do sufrágio) expandiram-se para a efetiva visão da mulher como ser humano, independente, que não necessita da maternidade para sentir-se completa e que é tão capaz quanto o homem para executar diversas atividades. Além disso, inicia-se a denominação do conceito de interseccionalidade, onde fatores socioculturais são percebidos como determinantes na realidade em que as pessoas vivem, sendo considerada assim uma pluralidade de experiências femininas, que vêm com demandas divergentes.

Atwood, por basear-se em questões feministas juntamente com reflexões sobre ecologia e radicalismo para escrever *O Conto da Aia* (TOLAN, 2007), e considerando sua já proeminente carreira como escritora e defensora da identidade de quem escreve no Canadá, obteve grande visibilidade no momento em que lançou o livro. Entretanto, no século XXI, sua obra encontra-se em sua fase de maior sucesso devido ao fato do lançamento da série televisiva homônima e o cenário político atual do governo estadunidense (que também culmina em uma onda conservadora, afetando até mesmo o Brasil). Além disso, encontra-se em pré-lançamento outro livro do universo de *O Conto da Aia*, *The Testaments*, que irá retratar os acontecimentos após o fim da narrativa de Offred por meio do relato de três personagens que estavam presentes no primeiro livro. Ademais, o sucesso recente da obra também coincide com pautas feministas atuais que são abordadas na obra, visto que apesar da sociedade de Gilead “enaltecer” a figura feminina (como muito é feito na sociedade) ela é deixada de lado e até posta em situações precárias quando se trata da posição em que ocupa na sociedade e quanto poder lhes é “cedido”. Dentre as pautas abordadas encontram-se: a

legalização do aborto, exploração sexual, interseccionalidade, assédio, das mulheres sobre o próprio corpo, imagens controladoras e o respeito às mulheres de diversas esferas sociais.

Tendo isto em vista, a maior justificativa que ilumina a idealização deste Trabalho de Conclusão de Curso é de fato a visibilidade que a obra vem recebendo; além das várias pontes que podem ser estabelecidas a partir de reflexões entre a narrativa/sociedade de Gilead e o tempo presente. Outrossim, há ainda a existência de uma personagem principal que, apesar de resistir, possui traços que causam facilmente a empatia de quem lê (como, por exemplo, o medo em tomar ações contra o governo); não sendo a personagem “fantástica” que irá salvar todos, mas sim uma mulher comum que, apesar de ser contra o que lhe está acontecendo, não vê uma saída e resiste a ideias revolucionárias por ter medo de ser pega.

O primeiro contato com a obra *O Conto da Aia*<sup>1</sup> para a confecção deste trabalho foi feito na língua inglesa; contudo, o texto deste TCC será escrito em língua portuguesa (visando atingir todo um contexto de público-alvo brasileiro) e será utilizado para citações uma versão do livro em língua portuguesa, traduzida por Ana Deiró, publicada pela editora Rocco em 2017.

Para prosseguir com a pesquisa, foi elaborada uma hipótese, que será discutida ao longo do texto, sendo esta a resistência feminina inconsciente às estruturas de poder que lhes oprimem, de maneira a comprovar o *continuum lésbico*<sup>2</sup> que magnetiza as relações femininas na obra. Em vista de concretizar tal hipótese, serão analisadas algumas das relações femininas na obra, de maneira a observar a reprodução mútua de estruturas de poder; ao mesmo tempo, notando inclinações a ter relações fraternais (*continuum lésbico*) com outras pessoas do sexo feminino, sejam elas da mesma casta ou não.

Procuraremos, para atingir tal objetivo, realizar o levantamento bibliográfico de outros artigos sobre a obra visando um levantamento interpretativo. Serão de especial interesse para esta pesquisa reflexões acerca da relação das mulheres estadunidenses com a igreja católica (DALY, 1970), o tratamento fornecido por intermédio da lei às mulheres estadunidenses (SCHULDER, 1970) e o entendimento da teoria do continuum lésbico (RICH, 1981). Por fim, espera-se ter os mecanismos necessários a fim de interpretar as relações femininas na obra, tendo como enfoque as relações entre Offred/Serena Joy (aias e esposas), Offred/Marthas, Offred/Ofigen/“Offred anterior” (entre aias), aias/tias, Offred/Moira/Mãe de Offred, observando questões de poder e continuum lésbico.

---

<sup>1</sup> Em inglês: “*The Handmaid’s Tale*”

<sup>2</sup> Termo criado pela teórica Adrienne Rich (1980), tratando das relações femininas como um interminável *continuum*, que será discutido ao decorrer dos capítulos.

Através da presente pesquisa, pretende-se contribuir na área de estudos de gênero e literatura; proporcionar novas interpretações acerca da obra *O Conto da Aia*, acrescentando nos estudos acerca da obra de Margaret Atwood e também incentivar a análise de obras de Atwood no âmbito universitário brasileiro. Ademais, ao escrever esta monografia, será evitado o uso da linguagem sexista, visto que o trabalho utiliza como base teórica a crítica feminista.

## 2. O universo interpretativo de *O Conto da Aia*

A obra da escritora canadense Margaret Atwood, *O Conto da Aia*, apesar de ter sido publicada em 1985, encontra-se em seu pico de popularidade tendo em vista não somente sua desconcertante semelhança com a realidade, mas também pela sua relativamente recente entrada no mundo televisivo por meio da série *The Handmaid's Tale*, que conta com a ajuda da própria Atwood em sua produção (a primeira temporada foi lançada em 2017).

Para prosseguir com a análise da obra, é necessário fazer um levantamento para ter-se noção dos trabalhos que já foram feitos em relação a ela, justamente para entender sua relevância no mundo atual e suas possibilidades interpretativas. Portanto, esta seção irá comprometer-se a fazer uma revisão da crítica da obra, tendo como finalidade a reflexão e exposição acerca das principais questões que a obra levanta e que são analisadas pela crítica literária. Os textos selecionados, dentre capítulos de livros e artigos publicados em periódicos acadêmicos, são: “Margaret Atwood’s female bodies” (DAVIES, 2006), “Margaret Atwood’s dystopian visions: *The Handmaid’s Tale* and *Oryx and Crake*” (HOWELLS, 2006), “The World as it will be? Female Satire and the Technology of Power in *The Handmaid’s Tale*” (HAMMER, 1990) e “Identity, Complicity, and Resistance in *The Handmaid’s Tale*” (JOHNSON, STILLMAN, 1994). A ordem de exposição dos textos ocorrerá necessariamente na ordem do menos específico ao mais específico considerando o nível de informações que foi dado acerca de *O Conto da Aia*.

Em “Margaret Atwood’s female bodies” (DAVIES, 2006) Davies procura refletir sobre como os corpos femininos são apresentados, construídos e simbolizados durante as narrativas de Atwood, a fim definir como a autora geralmente os representa; sendo essa uma de suas principais temáticas e um dos pontos mais complexos em suas obras.

Apesar de ser sobre corpos femininos, o artigo pouco aborda *O Conto da Aia*, visto que a obra explana com vastidão a questão do controle dos corpos femininos. É provável que se dê pelo fato da complexidade de como essa questão é retratada na obra, pois trata-se de um

regime totalitário teocrático que controla quem está inserido de maneira tal a reproduzir estruturas de poder internamente por quem é oprimido por ele; dificultando assim inserir a obra de maneira profunda dentro de um artigo que procura abordar um escopo maior. Dito isso, Davies dá preferência a outras obras de Atwood, como *Lady Oracle*<sup>3</sup> e *The Blind Assassin*<sup>4</sup>, onde a questão corpórea feminina se dá a níveis menos sistematizados e mais pessoais.

De acordo com Davies, Margaret Atwood lida com a questão do corpo feminino de maneira complexa, sendo estes corpos partes ativas em seus romances. Tais corpos são trabalhados de diversas maneiras nas obras de Atwood, são algumas dessas: 1) a partir da dissociação entre mente e corpo, que caracteriza-se pela ausência ou conexão com o próprio corpo, quando a personagem encontra-se em um limbo e não está totalmente presente no plano físico; 2) o encarceramento figurativo ou literal; 3) como lugar onde o poder político é posto em prática e onde o abuso é concretizado ( DAVIES, 2006, p. 58). Considerando as características mencionadas nesta revisão, apesar de Davies não trazer *O Conto da Aia* quando fala nelas, a obra enquadra-se satisfatoriamente em todas, sendo esses pontos explorados a níveis intensos ao longo da obra.

Ademais, Davies relaciona os corpos femininos nessas narrativas com a perspectiva trazida pelo artigo da escritora francesa Hélène Cixous, “The Laugh of the Medusa” (CIXOUS *apud* DAVIES, 2006), que aborda temas como a autoria feminina e representatividade na escrita. O texto de Cixous e o que Atwood realiza em suas obras, de acordo com Davies, possuem similitudes. Apesar disso, é também apontado pela autora que Atwood não declarou ter escrito utilizando esse texto como base concreta para seus romances, até por ele possuir algumas ideias problemáticas que Atwood evita disseminar (DAVIES, 2006, p. 60), visto seu histórico em evitar essencialismos, um exemplo é a questão da ênfase na anatomia feminina em Cixous apontada por Elaine Showalter, que leva ao essencialismo anatômico e também opressor (SHOWALTER *apud* DAVIES, 2006, p. 59). Cixous aponta como primária a necessidade da mulher libertar-se do patriarcado para ter seu próprio discurso, um discurso que não o represente, mas que represente as questões relativas a questão ser mulher. Concomitantemente, Atwood representa através dos corpos de suas personagens femininas conflitos e posicionamentos que representam as questões de um discurso puramente feminino (DAVIES, 2006, p.60).

---

<sup>3</sup> Em português: “Madame Oráculo”

<sup>4</sup> Em português: “O Assassino Cego”

Ainda que Davies não tenha trabalhado *O Conto da Aia* profundamente em sua análise, apenas citando-o em poucos momentos, o texto mostra-se relevante por sua contribuição teórica acerca dos corpos femininos. Em suma, a autora aborda diversas características que são possíveis de relacionar com a obra; principalmente no que concerne a questão do corpo feminino como lugar político e de resistência, de encarceramento e de vigilância de mulheres sobre mulheres, as tornando protagonistas de um sistema que descentraliza seu poder.

Acrescentando à discussão anterior, o próximo texto a ser explicitado, de Howells “Margaret Atwood’s dystopian visions: *The Handmaid’s Tale* and *Oryx and Crake*” (2006), oferece um panorama da obra *O Conto da Aia* <sup>5</sup> a partir da análise da obra.

Howells, no decorrer do texto, destaca o fato de que obra de Atwood demonstra o possível resultado de uma onda extremamente conservadora. Na obra, o fundamentalismo Cristão, os problemas ambientais, de fertilidade humana e a hostilidade ao movimento feminista, combinado com a sede de poder, se unem para formar uma situação hipotética de extremos (HOWELLS, 2006, p.162). Tendo em mente os Estados Unidos, por ser uma nação passional, vigiada e imitada por todos (ATWOOD *apud* HOWELLS, 2006, p.163), escrevendo através de um gênero tido como tipicamente masculino, Margaret Atwood criou uma sociedade que se centra em ferir os direitos humanos e promove um sistema extremamente misógino por meio de um golpe muito bem ministrado.

Também segundo a autora, Atwood explora de uma maneira diferente o gênero distópico, explorando as nuances entre o mundo público e o privado do regime, reivindicando por meio da narrativa de Offred um lugar feminino e identitário, vivido por uma personagem que ocupa um lugar extremamente marginalizado.

Analisando as relações entre linguagem e poder, a autora do texto cita Cixous, assim como Davies (2006), pois nos relatos de Offred temos uma voz exclusivamente feminina e questionadora, que expõe os fatos do que acontecia verdadeiramente na república de Gilead, sendo ela no final uma das principais vozes do regime.

Apesar de ter tido essa visibilidade, Howells aponta que Offred tinha mais um objetivo enquanto narrava sua história, sendo seu relato também uma forma de resistência e reabilitação dos efeitos hipnotizadores do estado totalitário; ao se negar como uma mera barriga de aluguel. Juntamente com a narração do que aconteceu durante seus últimos momentos como aia, Offred também retorna a seu passado constantemente ao longo da obra, como mais uma maneira de se auto-afirmar.

---

<sup>5</sup> Pelo foco ser apenas em *O Conto da Aia*, *Oryx and Crake* não será abordado neste texto.

Como aia e sem perspectiva de escapar, as únicas esperanças de Offred estão em seu corpo e sua possibilidade de gerar um filho. Howells observa que, entre as tentativas em ser fertilizada e a frustração em não conseguir, Offred explora seu corpo e tem ideias diferentes de feminilidade, sendo o desejo feminino igualado aos processos naturais de crescimento e fertilidade; chegando a comparar seu útero ao cosmos.

Além de contar sua narrativa, Offred também fornece outras nuances ao contar histórias de outras mulheres dentro da sua, demonstrando que ela não é a única que resiste, mesmo que apenas em sua mente. O texto de Howells (2006), apesar de não ser muito longo, produz um panorama relevante sobre as possibilidades interpretativas de *O Conto da Aia*.

O seguinte texto, de Hammer “The World as it will be? Female Satire and the Technology of Power in *The Handmaid’s Tale*” (1990), apresenta uma análise mais específica da obra do que os textos anteriores ao refletir sobre as relações de poder no romance contidas. O primeiro destaque da autora do texto é em relação ao gênero distopia e aponta, assim como Howells (2006, p. 39), para a questão controversa deste ser um gênero literário tipicamente masculino e com características muito marcadas, fato que não impediu Atwood de escrever *O Conto da Aia* e de “quebrar” algumas regras do gênero, como a presença de elementos tecnológicos. Além disso, a narração conta como um de seus focos principais a dominação de mulheres por homens e de mulheres por mulheres, em um sistema complexo onde elas oprimem outras ao mesmo tempo em que são oprimidas.

Ao pensar o romance como uma sátira, Hammer destaca que a obra contém como alvo principal a questão do fundamentalismo religioso e do retrocesso literal, com o patriarcado bíblico, a militância Islâmica e o sistema de castas Hindu (HAMMER, 1990, p. 45); também formando um Estado que nega a maioria dos recursos tecnológicos, até mesmo aqueles que os ajudariam na questão da fertilidade. Estado este que, utilizando da tecnologia do poder<sup>6</sup>, tem como objetivo deixar “manso” e obediente todo o corpo social (sendo mais estrito nas mulheres); desde a vigilância constante de todos contra todos até o uso exacerbado da figura do “olho”, sendo este utilizado até mesmo nas saudações e exemplificando o olhar divino. No entanto, o autor também aponta que poucos conseguem seguir à risca o que a república teocrática de Gilead prega, o que faz com que a maior parte da população torne-se hipócrita e

---

<sup>6</sup> De acordo com a autora, as distopias que foram escritas antes de *O Conto da Aia* tinham como um de suas principais características a tecnologia futurística; onde se era capaz principalmente de vigiar a população. A sociedade de Gilead, ao utilizar pouco da tecnologia que havia na época; cria um sistema único de poder, que se caracteriza numa vigilância constante de todos sobre todos, confiando totalmente essa fiscalização aos membros da comunidade. Tal artefato foi denominado de “tecnologia do poder” por Hammer.

mentirosa para conseguir sobreviver, mantendo seus hábitos desviantes em segredo (HAMMER, 1990, p.40).

Ainda segundo Hammer, outro aspecto satírico que envolve a obra permeia a narrativa de Offred é o fato de esta aparentar, no início, ser bastante segura sobre o que está relatando e sobre suas ideias sobre o sistema de Gilead. Entretanto, sua insegurança começa a aparecer no momento em que se envolve com o Comandante da casa, atitude que foi obrigada a ter e a continuar tendo, pois tinha medo do que poderia lhe acontecer caso alguém descobrisse ou caso ela irritasse o Comandante. O sentimento de insegurança torna-se mais forte quando ela envolve-se romanticamente com Nick; mesmo que, à primeira vista, tenha sido forçada a ir ao seu encontro. Dito isto, a autora aponta que Offred, de maneira consciente, “escolhe” romantizar sua relação com Nick; tornando provável que a realidade deste relacionamento não seja realmente o que a personagem relata (HAMMER, 1990, p.42), assim como outros trechos em que seu relato pode ser entendido como uma reconstrução do que houve. A conciliação entre essas duas relações é fundamental para que Offred mantenha-se viva (HAMMER, 1990, p.41). A personagem principal, apesar de muitas vezes querer tomar atitudes em sua mente, é paralisada pelo medo quando tem a chance de realmente agir, vindo a narrar todo esse processo, o que a torna uma personagem com a qual quem lê consegue se identificar; justamente por que suas racionalizações trazem muito da fragilidade humana diante de situações que trazem desespero e desilusão.

Sendo assim, o artigo escrito por Hammer (1990), faz uma análise completa sobre as relações de poder não somente dentro de um sistema totalitário, mas também na sociedade de maneira geral, procurando relacionar a obra com o contexto em que vivemos e proporcionando uma análise satisfatória.

Por fim, o último artigo a ser discutido é “Identity, Complicity, and Resistance in The Handmaid’s Tale” (1994), de Johnson & Stillman, que promove uma análise mais específica da obra, principalmente de sua personagem principal, Offred, uma pessoa comum que, além de ter seus direitos subtraídos, é obrigada a cooperar com uma ideologia extremamente opressora.

Assim como nos textos de Hammer (1990) e Howells (2006), Johnson & Stillman destacam o desejo de Offred em manter sua individualidade. Porém, no artigo é apontado que esta individualidade quebra-se gradativamente ao longo da narrativa; ela tenta se reafirmar através de suas lembranças anteriores à Gilead, porém essas provam-se fragmentadas e sem muito efeito (JOHNSON, STILLMAN, 1994, p.73). A falta de senso de si mesma em Offred

se instaura justamente pelo sistema que envolve ser uma aia, essa que encontra-se marginalizada e proibida de ter muito contato com o resto das pessoas.

Similarmente ao artigo de Hammer (2006), este texto também aborda a questão das relações de poder no sistema de Gilead; sendo esse sistema tão poderoso que Offred não vê outra a saída para além de “render-se” e corroborar com o que lhe é cobrado. Mesmo assim, Johnson & Stillman apontam que Offred é obrigada a transgredir as regras para manter-se viva e também a enxergar seu corpo como objeto, encontrando-se com o Comandante e com Nick e conhecendo mais do lado corrupto desta sociedade.

Como uma mulher comum e já tendo sido afetada pelo machismo de forma inconsciente antes, Johnson & Stillman pontuam que Offred de certa forma deixou seu destino nas mãos de Nick, mesmo sem confiar nele. Sua sensação de impotência e desilusão a faz lembrar constantemente de Moira (sua melhor amiga) e sua mãe, sendo as duas modelos de heroínas para Offred, mesmo elas tendo sido punidas pelo governo (JOHNSON, STILLMAN, 1994, p.80-81). Sendo assim, de certa forma Offred deseja ser como elas.

Apesar de o texto escrito por Johnson & Stillman (1994) levantar questões relevantes, algumas de suas afirmações demonstram-se frágeis. Por exemplo, a afirmação de que Offred gosta de certa forma de sua relação com o Comandante (JOHNSON, STILLMAN, 1994, p. 73-74) ignora desdobramentos do sujeito como o medo em desagradá-lo e a carência de contato humano.

Por fim, é importante ressaltar que os artigos aqui apresentados foram pesquisados com o intuito em fazer um levantamento sobre o que já vem sendo pesquisado sobre a obra *O Conto da Aia*. As hipóteses e conceitos levantados por esses textos, principalmente no que concerne às questões do controle propagado pelo sistema governamental de Gilead são de grande relevância ao explicar de maneira mais detalhada o seu funcionamento. Assim sendo, e tendo em vista o tema relações femininas a ser trabalhado, apesar de inúmeras temáticas terem sido trabalhadas acerca da obra, não há muita pesquisa sobre este tópico. Tal fato prova a relevância desta pesquisa, pois um dos principais objetivos é analisar as relações femininas em meio de uma sociedade extremamente restrita e conflituosa, de modo a entender o porquê da necessidade de uma sociedade patriarcal em evitar o continuum lésbico e se as mulheres realmente cedem à pressão do patriarcado, se vendo como inimigas.



### 3. Intermédios entre *O Conto da Aia* e a realidade dos anos 1970 e 1980: teorias e pautas

Visando uma melhor compreensão acerca do cenário que as mulheres enfrentavam na época em que Atwood escrevia *O Conto da Aia*, bem como do ativismo feminista estadunidense e questões institucionais relacionadas às mulheres, serão trabalhados aqui textos teóricos que foram publicados nas décadas de 1970 e 1980. Tais textos servirão para delinear questões que são presentes no livro relacionadas ao poderio masculino, a influência religiosa presente e a questão do continuum de relações femininas; sendo essas concepções fundamentais para a análise da obra, que será feita no próximo capítulo.

Portanto, serão trabalhados três textos: “Women and the Catholic Church” (DALY, 1970); “Does the law oppress women?” (SCHULDER, 1970) e “Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence” (RICH, 1981). O capítulo será subdividido em três partes, sendo assim possível analisar cada texto individualmente.

#### 3.1. As mulheres no contexto da Igreja Católica: Adoradas ou ostracizadas?

No contexto de *O Conto da Aia*, a república de Gilead confecciona-se em estado totalitário<sup>7</sup>, baseando sua constituição na interpretação do livro sagrado da religião cristã, a Bíblia. Sendo assim, tendo como fonte “As mulheres e a Igreja Católica<sup>8</sup>”, de Daly (1970), serão delineados do texto os aspectos necessários para entender as demandas que havia na época (algumas ainda permanecem contemporâneas) em relação às visões religiosas acerca da mulher. O texto de Daly (1970) tem como principal objetivo apontar as falhas da Igreja Católica<sup>9</sup> ao pregar e institucionalizar uma visão estereotipada da mulher; além de não a permitir exercer grandes profissões dentro da instituição. Outrossim, muitas informações que Daly apresenta em seu texto foram extraídas de outra produção sua, chamada “Antifeminismo na Igreja<sup>10</sup>”. Seu ensaio divide-se em seis partes: O problema com estereótipos; Aprovação divina; Não é preciso: “Teologia da mulher”; Princípios normativos para mudar a situação das

<sup>7</sup> De acordo com a visão de Arendt (1979, p.342), sendo todo o “poder” conferido ao estado (que geralmente não possui oposição) para ser utilizado em seu benefício; sendo este poder culminado de maneira ditatorial ou não.

<sup>8</sup> Em inglês: *Women and the Catholic Church*

<sup>9</sup> Considerando o foco principal do presente trabalho ser as relações femininas, e não trabalhar a teologia inserida na obra, este texto, apesar de trabalhar apenas a Igreja Católica e não a Protestante, oferece informações o suficiente para ser estabelecido o contexto a cerca da religiosidade de *O Conto da Aia*.

<sup>10</sup> Em ingles: *Antifeminism in the Church*

mulheres na igreja; A questão das mulheres ‘padres’; envolvendo as estruturas da igreja e a relação mulher-homem<sup>11</sup>.

No primeiro momento do ensaio, Daly discorre sobre a questão dos estereótipos. À primeira vista, uma das principais personagens na teologia cristã é Maria<sup>12</sup>, exemplo de pureza e força e a quem foi incumbida à árdua tarefa de gestar uma figura divina em seu ventre. Através dos anos, os principais representantes das religiões da matriz cristã (todos do sexo masculino: padres, papas, cardeais, entre outros) contribuíram para a criação de uma figura feminina única.

A figura única feminina é caracterizada por Daly (1970, p.127) como “a mulher eterna”; é uma mulher piedosa e ao mesmo tempo misteriosa, que busca realizar-se como mulher unicamente por meio da vocação de ser mãe e cuidar do lar, verdadeira santa. Essa é a figura de uma mulher desumanizada que não possui suas próprias vontades, imagem esta que foi amplamente divulgada e implantada na cabeça de inúmeras mulheres e homens através das religiões<sup>13</sup>. Mulheres essas que, mesmo possuindo aptidão para adentrar no clérigo, são bloqueadas pelo simples fato de seu gênero não ser o masculino.

Na justificativa que, de acordo com a história bíblica, a figura feminina “advém do homem” e tenha sido criada para “fazer companhia ao homem”<sup>14</sup>, a igreja não apenas dificulta as relações entre homem e mulher, mas também a da própria mulher com a igreja. Os papéis impostos por meio de um viés machista se opõem à ideia de que as mulheres possam ocupar posições de autoridade ou possuírem intelecto, alegando que tais feitos as tornam menos femininas (DALY, 1970, p 127). Vendo aspectos que não apenas limitam sua intelectualidade, mas também as colocam em um papel engessado e as proíbem de ter qualquer tipo de influência, as mulheres começaram a racionalizar a situação e prever possíveis soluções.

Segundo Daly (1970, p.128), uma das explicações racionais para esta exclusão do sexo feminino neste cenário, bem como o grande período de tempo em que as mulheres foram “complacentes” com o papel que lhes era imposto, é repressão e projeção. De acordo com esta teoria explicada por Daly, a sociedade projeta seus problemas e proibições reprimidos em

---

<sup>11</sup> Em inglês: *The Problem With Stereotypes; Divine Approval; Not Needed: A “Theology of Woman”; Normative Principles for Changing Women’s Situations in the Church; The Issue of Women Priests; Evolving Church Structures and the Man-Woman Relationship*.

<sup>12</sup> Não são abordadas no ensaio outras figuras femininas bíblicas importantes, como Eva, Maria Madalena e Jezebel (que encontra-se presente na narrativa de *O Conto da Aia*).

<sup>13</sup> Essa figura também era (e, em alguns casos, ainda é) divulgada através de, por exemplo: propagandas direcionadas ao público feminino, músicas, cinema, entre muitos outros intermédios culturais.

<sup>14</sup> Sendo dito em Gênesis que a mulher de Adão, Eva, foi concebida de sua costela por Deus, para lhe fazer companhia.

grupos minoritários (ex.: mulheres, negros, judeus...) de maneira tal que os grupos afetados terminem cedendo à pressão e assumindo seu papel estereotipado. Crescendo bombardeadas por ideias deste tipo e sem liberdade para testar suas aptidões, a maioria das mulheres cristãs foi incumbida de representar este papel desde a infância, perpetuando a visão de que são uma “espécie” diferente dos homens.

Ao falar de aprovação divina, relacionando à questão da submissão feminina pregada pela igreja, Daly demonstra que, apesar de muitos sentirem-se à vontade com essa ideia, não há sentido em apoiar tais ideais baseando-se nessa justificativa (DALY, 1970, p. 130). O uso das terminologias “plano de Deus” e “Maria, o modelo das mulheres” tornam a maioria de quem segue a religião católica suscetíveis a apoiar tais falácias, por conta de sua doutrinação e visões estáticas e tradicionalistas sobre fé e revelação (DALY, 1970, p.129); o que impede fiéis de contestar visões retrógradas. A falta de contestação e o não-desenvolvimento das concepções relacionadas a papéis de gênero levam a instituição católica a perder a contribuição significativa de várias de suas fiéis.

A disseminação da imagem da “mulher eterna” aprovada por Deus é denominada por Daly de “teologia da mulher”; tendo-se a concepção de que a mulher é uma espécie à parte do homem e possui características inatas, muitas vezes vista como misteriosas (DALY, 1970, p.130). Por outro lado, os homens, vistos pela teologia cristã como seres completos, não sofrem com esse tipo de estereótipo; já que seu gênero não é colocado à frente de suas características pessoais (DALY, 1970, p.131). Essa concepção de que cada gênero tem uma essência imutável perpetua condições sociais que prejudicam tanto a mulher quanto o homem e suas relações (DALY, 1970, p.132).

Dito isto, Daly (1970, p.132), ao falar de princípios para mudar a situação da mulher na igreja, defende a questão do diálogo entre homens e mulheres para desenvolver a qualidade da relação entre os sexos, bem como a integração da figura feminina no meio eclesiástico em postos onde ser mulher era um fato que desqualificava a candidata. Ademais, também é mencionada a procura de mulheres especialistas e influentes em variadas áreas para ter papéis direcionados a tomar decisões dentro da igreja e outros tipos de ações, como, por exemplo: teologia, sociologia, ciência política, psicologia, administração e advocacia. Ao falar sobre mulheres “padres”, Daly (1970, p.134) reforça que, excluindo candidatas apenas considerando seu gênero, a igreja afirma que o gênero é um defeito que não pode ser superado por nenhum tipo de qualidade pessoal. Concomitantemente, ela ainda afirma que mudanças ocorridas apenas em determinados setores da sociedade não irão ter grandes efeitos, a não ser que sejam acompanhadas por diversas mudanças simultâneas (DALY, 1970, p.135).

Outrossim, a autora, ao escrever sobre como envolver as estruturas da igreja nas relações mulher-homem, aponta ser importante a correção de desequilíbrios nessas relações enquanto trabalha-se ao mesmo tempo para soluções futuras (DALY, 1970, p.135). Também é mencionado o fato de que muitos padres não têm formação acadêmica em áreas que lhes são cobradas (tais como: administração, teologia ou oratória), sendo assim necessária a contratação de profissionais dessas áreas para trabalhar no âmbito da igreja, o que geraria oportunidades iguais para ambos os sexos (DALY, 1970, p.137). Finalizando seu texto, Daly aponta que, ao não oferecer à mulher oportunidades iguais de participar das atividades da igreja e não levar em conta suas potencialidades, a igreja reforça imagens estereotipadas e misóginas da mulher, e perde cada vez mais sua força na sociedade (DALY, 1970, p.138).

Com o crescimento na época sobre contraceptivos, freiras e mulheres no clero; a igreja passa a enfrentar um cenário onde torna-se necessário atender às demandas que surgem com a modernidade (DALY, 1970, p. 127). Daly também constata, ao final, que é provável que a igreja cristã seja forçada a se adaptar às novas mudanças da vida moderna. No entanto, apesar de ter obtido certo avanço em relação a estas questões, a estrutura cristã resiste até a atualidade com seus fiéis mais conservadores.

O texto de Daly tem grande importância para o processo de análise das relações femininas de *O Conto da Aia*, visto que toda a sociedade de Gilead seguia regras/leis e uma vida totalmente baseada em princípios estritos da cristandade. Suas concepções de “mulher eterna” e “teologia da mulher” em muito contribuem para um melhor direcionamento da natureza controladora e justificativa das castas femininas da sociedade fictícia.

### **3.2. A mulher e a lei: reforçando estereótipos**

Atwood, em *O Conto da Aia*, explicita os problemas com a teoria e a prática de um sistema governamental com leis totalmente pautadas na interpretação de um determinado grupo de homens (que planejaram e realizaram o golpe) do texto bíblico cristão. Além disso, a própria Atwood confessa ter escolhido os Estados Unidos como cenário de sua distopia não apenas por ser uma nação visada por todos, mas também por suas tendências conservadoras (ATWOOD *apud* HOWELLS, 2006). Por isso, torna-se necessário estudar o contexto pelo qual o país estava passando na época em que Atwood idealizava e escrevia *O Conto da Aia*.

O texto a ser trabalhado nessa sessão, *Does the Law Opress Women?*<sup>15</sup> (SCHULDER, 1970)<sup>16</sup>, traz uma demonstração de como as leis estadunidenses da época, bem como quem as legislava, reforçam e sugerem preconceitos, especialmente no que se tange ao gênero feminino. O material se divide em cinco tópicos principais, sendo eles: Direitos Cíveis, Emprego, Relação Matrimonial, A Lei dos Benefícios e Direito Criminal.<sup>17</sup>

Schulder (1970) traz, em suas reflexões iniciais e também durante seu artigo, comparações entre os estereótipos impostos culturalmente aos(as) negros(as) e às mulheres; sendo as(os) primeiras (os) o produto de anos de escravização e as segundas produto de anos em que as religiões cristãs (no caso dos Estados Unidos e maioria dos países ocidentais) pregaram, por intermédio de figuras autoritárias masculinas, como a figura feminina deveria ser. Daly (1970) aponta em seu texto anteriormente mencionado sobre a figura da “mulher eterna” por meio do que ela determina como “teologia da mulher”. Ademais, Schulder leva em consideração os avanços tecnológicos, da situação política e de questões econômicas como propícias para começar a análise crítica desta situação, bem como pensar em maneiras de modificá-la (SCHULDER, 1970, p.139).

A primeira seção, que trata sobre os Direitos Cíveis da mulher, tem como principal objetivo expor a dificuldade de formar júris compostos por mulheres. Isso era dado não somente pelo fato de que não era inconstitucional a exclusão de mulheres de um júri, mas também pelos empecilhos postos na frente de mulheres que gostariam de exercer sua cidadania; como a necessidade de se ter uma lista especial de mulheres que queriam participar do processo, enquanto para os homens o processo era automático (SCHULDER, 1970, p.141). O principal argumento para essas dificuldades é o de que as mulheres possuem um senso de justiça que pode ser modificado por fatores emocionais, o que poderia atrapalhar em seu julgamento; sendo esta crença já derrubada por um estudo científico feito pelo Professor Hans Zeisel que aponta que o júri sempre vota de maneira diferente a depender do réu (ZEISEL *apud* SCHULDER, 1970, p.141).

Além disso, na Declaração dos Direitos Cíveis estadunidenses, não foi abordada as questões das mulheres em alojamentos públicos, como escolas e universidades, não as protegendo contra atos discriminatórios que podem ocorrer nesses locais. A autora também aponta a dificuldade que as graduandas tinham em obter bolsas, sendo muitas vezes necessário abrir petições para exigir seus direitos (SCHULDER, 1970, p.142).

<sup>15</sup> Tradução: “A lei oprime as mulheres?”

<sup>16</sup> Assim como o primeiro texto, de Daly (1970), este tem como propósito uma contextualização do cenário presente na época em que Atwood escrevia *O Conto da Aia*; que varia entre os anos 1970 e 1980.

<sup>17</sup> Sendo cada parte, em inglês: *Civil Rights, Employment, Marital Relationship, Welfare Law e Criminal Law*.

O exercício da cidadania, para as mulheres, sempre andou com vagareza e burocracia; o direito ao sufrágio para elas<sup>18</sup> só foi conquistado anos depois de ser concedido aos homens de qualquer raça nos Estados Unidos (SCHULDER, 1970, p.142). Isso é resultado de um paradoxo cultural, onde os estereótipos impostos pela “teologia da mulher” são reforçados de maneira constante não somente pela igreja, mas por toda a sociedade; levando ao próprio alvo da situação se “conformar” com seu papel pré-concebido, de certa maneira “justificando” sua opressão e falta de direitos fundamentais.

Na segunda seção, sobre emprego, é abordado além da diferença salarial de proporções absurdas entre os mesmos trabalhos feitos por homens e mulheres (SCHULDER, 1970, p.145). A autora também debate pronunciamentos significantemente misóginos feitos por quem legislava na época que limitavam a mulher trabalhadora da época. O pronunciamento mais problemático que foi apresentado foi feito por juízes em 1908 na tentativa de justificar sua decisão em limitar as horas de trabalho da mulher. A fala é permeada por um discurso tipicamente patriarcal e conservador, além de ter os ideais discutidos anteriormente no texto de Daly (1970) da “mulher eterna”. O principal argumento utilizado é o de que a mulher, apesar de ser bem educada, quando trabalha em excesso pode ter vários problemas de saúde, além da questão de ter filhos, supostamente esse sendo seu papel principal na sociedade. Ademais, é apontado que as mulheres sempre dependeram dos homens e sempre foram dominadas por eles e diferentes níveis; sempre os procurando para proteção e o exercício de sua maternidade. Portanto, de acordo com esses juízes, não faria sentido remover esse tipo de limitação contratual, visto que as mulheres, de qualquer forma, não precisam trabalhar tanto (SCHULDER, 1970, p.144).

Outra fala, desta vez da Comissão de Status da Mulher<sup>19</sup>, aponta que apesar de as mulheres terem uma escolaridade até superior que os homens, elas não conseguem empregos à altura de suas habilidades, quase sempre trabalhando em empregos inferiores e sempre recebendo menos que os colegas de trabalho do sexo masculino (SCHULDER, 1970, p.145). Schulder ainda mostra uma resposta dada pela Suprema Corte a uma mulher casada que recorreu a seu direito de exercer a profissão de advogada, já tendo carreira consolidada. Novamente as justificativas são inteiramente pautadas na ideia de que uma mulher casada deve ficar em casa.

No que diz respeito à Relação Matrimonial, Schulder demonstra o quanto as mulheres que casavam na época perdiam direitos; marido e mulher eram vistos pela lei como supostamente

---

<sup>18</sup> Primeiramente para mulheres brancas, depois para as negras.

<sup>19</sup> Em inglês: *Commission on the Status of Women*

um só, sendo essa unidade representada apenas pelo marido (BLACK *apud* SCHULDER, p.149). Dentre os direitos negados e dificultados estavam: a impossibilidade de fazer contratos; ter domicílio à parte de seu marido; a capacidade em processar e ser processada e mudar de cidadania ao casar com alguém de outro país (SCHULDER, 1970, p.149). Além disso, ainda havia a dificuldade da mulher em manter seu sobrenome ao casar novamente; havendo a necessidade da aprovação do marido.

Concomitantemente, outro problema abordado é a questão da guarda das crianças e pensão alimentícia, havendo muitos problemas com os homens que muitas vezes sentiam-se “discriminados”, visto que a preferência da guarda era dada às mães. Esse tipo de situação abria o escopo para a discussão da situação das mulheres no casamento e se elas realmente teriam a total obrigação em cuidar sozinha das crianças (SCHULDER, 1970, p.150).

O penúltimo tópico, dos benefícios concedidos pelo governo a mães solteiras, aborda o abuso de poder exercido e legitimizado na época pelos oficiais que eram instruídos a vigiar essas mães e observar se elas mantinham relações sexuais com quaisquer homens (SCHULDER, 1970, p.151). Ao constatar se elas tinham essas práticas ou não, o auxílio era cortado, mesmo o homem não vivendo na mesma casa nem fornecendo nenhum tipo de auxílio financeiro. Além disso, a mulher da casa poderia ser acusada de fraude ou roubo.

O assunto final, Direito Criminal, expõe a questão dos padrões duplos de moralidade que eram levados em consideração em relação ao gênero e ao crime que essa pessoa cometia. As decisões criminais que mais afetavam as mulheres eram principalmente questões de reprodução, como a criminalização do aborto e proibição de distribuição de informações sobre meios contraceptivos (SCHULDER, 1970, p.154). A violência doméstica era naturalizada quando as leis permitiam que um marido atirasse em sua esposa em um momento “passional”, sendo o contrário denominado homicídio. A prostituição era punida com severidade, porém os clientes não eram punidos pelo motivo de, segundo a Corte Criminal, a ação dos clientes não poderia ser comparada àquela das prostitutas (SCHULDER, 1970, p.155). Além disso, é reportada a dificuldade na reabilitação de mulheres que estavam em cárcere, sendo difícil a inserção delas no mercado de trabalho pois não havia empregos com uma renda satisfatória para elas (SCHULDER, 1970, p.154).

Por fim, o texto de Schulder explica de maneira pontual os principais aspectos na relação entre a legislação estadunidense e a mulher nos anos 70 e anteriores, bem como atitudes que claramente demonstram a distorção da lei a favor de outrem. Para a análise, deve ser levado em consideração principalmente as questões dos Direitos Civis, Matrimoniais e

Criminais. Ideologias misóginas, como pode ser notado, permeavam o sistema de leis na época, mesmo passando por mudanças.

### 3.3. Continuum lésbico e heterossexualidade compulsória: a supressão da conexão entre mulheres

Durante a narrativa de *O Conto da Aia*, as relações entre mulheres provam ser extremamente contidas, podendo ser observada uma constante desconfiança entre todas. O texto a ser analisado a seguir, *Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica*<sup>20</sup> (1980), de Adrienne Rich, discorre sobre a heterossexualidade compulsória e seus malefícios tanto para as mulheres em si quanto para as relações femininas; sejam elas românticas ou não. Além disso, o ensaio estabelece o conceito de *continuum lésbico*, que defende um contínuo de relações primárias femininas naturais que foram suprimidas e ocultadas através dos séculos. O texto divide-se em quatro partes, a primeira sendo sobre a necessidade em se estudar a heterossexualidade como instituição; a segunda sobre o poder masculino; a terceira sobre os conceitos de *continuum lésbico* e existência lésbica e a última parte sobre a negação das relações femininas.

Rich inicia problematizando a institucionalização da heterossexualidade; sendo esta vista como a “natural” escolha entre as mulheres. Por conseguinte, as relações lésbicas passam a ser vistas como algo que é feito por mulheres que têm raiva de homens ou foram traumatizadas de alguma forma; uma mera preferência sexual (RICH, 1980, p. 632). Outrossim, Rich também ressalta o fato de que, apesar de haver obras feministas que abordam questões como: maternidade, papéis sexuais, relacionamentos e prescrições da sociedade para a mulher; não havia na época teóricas que tratassem a heterossexualidade como instituição política, bem como a lesbiandade. Em vista disso, a maioria dos textos teóricos feministas publicados assumia uma visão heteronormativa em seus textos, algumas dessas obras e teóricas são citadas por Rich a seguir.

Uma das teóricas citadas pela autora, Dorothy Dinnerstein<sup>21</sup> (DINNERSTEIN *apud* RICH, 1980, p. 634), ignora toda uma história de resistência feminina ao poder masculino e simplifica o problema da desigualdade de gênero. A resposta alcançada por Dinnerstein para alcançar a igualdade de gênero é indubitavelmente heterocêntrica, sendo esta igualdade – em

<sup>20</sup> Título Original: *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*. Há a tradução do texto em português, sob o mesmo título utilizado acima, disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>>. Porém, o texto utilizado para citações diretas e indiretas é o original.

<sup>21</sup> Título da obra: *The Mermaid and the Minotaur Sexual Arrangements and the Human Malaise*



sua visão – alcançada por meio de ‘arranjos’ entre homens e mulheres para a criação de filhos. Os livros escritos por Barbara Ehrenreich<sup>22</sup> (EHRENREICH *apud* RICH, 1980, p.633) e Deidre English<sup>23</sup> (ENGLISH *apud* RICH, 1980, p.633) abordam as questões dos conselhos médicos (majoritariamente dado por homens) dados às americanas sobre sexo marital, maternidade e cuidados com as crianças. Tais prescrições reforçavam o papel que era necessário que as mulheres representassem em dada sociedade capitalista, sendo as prescrições geralmente pautadas em cima das necessidades e desejos masculinos em controlar as mulheres. Consequentemente, as mulheres eram induzidas a consumir curas e terapias diferentes durante vários anos. Apesar dessas obras tratarem do assunto de maneira satisfatória, Rich ressalta a não menção da população lésbica nelas, população essa que sofreu durante muito tempo com ‘terapias’ alternativas com o intuito de mudar a sexualidade, inclusive sob pena de morte (RICH, 1980, p. 634).

A teórica que mais se aproxima de discutir a existência lésbica é Nancy Chodorow (CHODOROW *apud* RICH, 1980, p.635). Apesar de ter ideias semelhantes à Dinnerstein acerca da criação infantil ser atribuída apenas à mulher, Chodorow analisa a maternidade e diferenças inatas entre homens e mulheres; chegando à conclusão de que os homens não tornam-se tão emocionalmente importantes para as mulheres como as mulheres são para os homens. Isso, de acordo com Chodorow, resulta da relação primária com a figura materna; as filhas, quando crescerem, iriam procurar relações secundárias com um homem; já os filhos, ao crescerem, procurariam relações com uma mulher que recriaria seu vínculo primário com a mãe. Ademais, suas reflexões acerca das relações primárias entre mãe e sua descendências (filhas e/ou filhos) são relevantes, apesar de não abordar qualquer tipo de relação primária de uma mulher com outra que não seja a mãe ou relações amorosas entre mulheres; assim reforçando a dita ‘preferência da mulher pelo homem’. Por meio dessas obras, Rich comprova a invisibilização da lesbiandade e a conclusão de inúmeros teóricos de que as mulheres são naturalmente atraídas pelos homens, até mesmo pela crítica feminista.

No segundo momento do texto, Rich discorre sobre as forças sociais que drenam as energias eróticas e emocionais da figura feminina, tanto da mulher em si quanto de valores identificados como femininos (RICH, 1980, p. 637). A lista presente no ensaio de Kathleen Gough<sup>24</sup> (GOUGH *apud* RICH, 1980, p. 638) contém as principais características do poderio

---

<sup>22</sup> Obras: *For Her Own Good: 150 Years of the Experts' Advice to Women; Witches, Midwives and Nurses: A History of Women Healers.*

<sup>23</sup> Obra: *Complaints and Disorders: The Sexual Politics of Sickness.*

<sup>24</sup> Nome do ensaio: *The Origin of the Family.*

masculino tanto em sociedades arcaicas quanto contemporâneas; Rich utiliza dessa lista e incrementa-a por meio de exemplos de como este poder é executado.

São oito as características<sup>25</sup>: 1) **Negar a sexualidade à mulher** por meio de mutilação genital feminina; punição/morte em lésbicas; a negação da sensualidade de mães e mulheres na menopausa; restrições contra a masturbação feminina; 2) **Forçar a sexualidade da mulher** através de estupro; estupro matrimonial; incesto; casamento infantil; casamento arranjado; exposições pornográficas onde mulheres respondem prazerosamente à violência sexual e humilhação, normatizando esse tipo de comportamento; entre outros); 3) **Comandar ou explorar seu trabalho para controlar sua produção** por meio da instituição do casamento e da maternidade como produção não-paga; da segregação horizontal das mulheres em empregos assalariados; do controle masculino sobre aborto, contraceptivos e partos; da esterilização forçada; 4) **Controlar ou roubar suas crianças** através de sequestro paterno; de infanticídio sistematizado; da retirada da guarda de filhas (os) de mães lésbicas; do uso da mãe como torturadora em procedimentos como mutilação genital; 5) **Confiná-las fisicamente e preveni-las de se mover** por meio do estupro como terrorismo; da mutilação do pé; do código de vestimenta feminino; do uso de véu; de assédio nas ruas; 6) **Usá-las como objetos em transações masculinas** através do uso de mulheres como ‘presente’; dotes; prostituição; uso de mulheres como entretenimento para facilitar negócios masculinos; 7) **Limitar a criatividade feminina por meio da** caça às bruxas contra parteiras, curandeiras e mulheres independentes; a definição das conquistas e objetivos masculinos serem mais importantes do que os das mulheres nas culturas; resumir a realização das mulheres em casamento e maternidade; 8) **Impedir seu acesso ao conhecimento** ao privá-las da educação; o silenciamento sobre a existência feminina e lésbicas na história e cultura; a exclusão de mulheres em determinadas profissões tendo como base os papéis de gênero (GOUGH *apud* RICH, 1980, p. 638) . Em vista de entender melhor a opressão da República de Gilead, estes pontos serão mencionados novamente no capítulo de análise.

Inegavelmente, as características citadas anteriormente revelam um grande sistema institucionalizado com um principal intuito: controlar as mulheres em prol da hegemonia masculina. Além disso, esse sistema reforça a heterossexualidade compulsória e o sadismo cultural através da escravização sexual feminina a níveis diferentes; muitas mulheres sentem-se coagidas a conformar-se com esse sistema, visto que garante sua sobrevivência. Também, as características garantem que as mulheres sejam culturalmente vistas como presas

---

<sup>25</sup> Serão citados apenas alguns dos meios, apesar de todos serem relevantes;

designadas ao bel-prazer masculino, o que garante que muitas procurem aceitação masculina. Ao investir em relações com homens, sejam elas amorosas ou não, as mulheres se afastam de suas relações primárias com outras e procuram ser aceitas no meio masculino (RICH, 1980, p.645).

Indagando-se sobre a justificativa para toda essa sistematização, Rich chegou à seguinte conclusão: há um medo por parte dos homens de que, quando as mulheres puderem decidir os termos pelos quais eles poderão ter acesso a elas, eles serão marginalizados (RICH, 1980, P.643).

Na terceira parte, Rich define o conceito de *continuum lésbico*, sendo ele diferente do conceito da existência lésbica. O *continuum lésbico* caracteriza-se por experiências de identificação entre mulheres e relações primárias através de cada mulher e da história; existência lésbica é a presença histórica de lésbicas e a constante ressignificação dessa existência (RICH, 1980, p. 649). A ideia do continuum abraça todas as mulheres, independentemente da sexualidade, através do compartilhamento da felicidade física, emocional e psíquica; além de promover resistência pela unidade. Ao pensar numa mãe que segura sua bebê em seus braços, amamentando com prazer e lembrando-se da própria mãe (RICH, 1980, p.650); ao pensar nas inúmeras mulheres que já moraram juntas, seja numa relação amorosa ou uma amizade; ao lembrar daquelas que resistiram à uma sociedade patriarcal: bruxas, curandeiras, noivas em fuga; nos vemos em um continuum onde compartilhamos dessa energia.

A heterossexualidade sempre foi imposta às mulheres, no entanto, sempre houve mulheres que resistiram a essas forças; e inúmeras que não encontraram forças para tomar uma atitude de resistência, mas em suas mentes questionavam o que acontecia. Ao demonstrar aceitação à heterossexualidade compulsória e seus poderes, essas mulheres levavam o que Rich denominou de ‘vida-dupla’.

Na quarta e última parte, Rich reitera que as relações femininas, o continuum lésbico, é uma grande fonte de poder para as mulheres; e desintegrar e desconsiderar essas relações causa uma grande perda a todas, o que as impede de modificar as relações sociais dos sexos e libertarem-se (RICH,1980, p.657). Por fim, Rich sugere um maior aprofundamento em pesquisas sobre a ‘vida dupla’ que as mulheres levam e suas características; além de estudos sobre a heterossexualidade como instituição.

O texto de Rich elucida muitas das questões sobre o machismo estrutural e, apesar de ser datado de 1980, permanece atual na maioria de suas premissas. Por outro lado, também relaciona-se com os textos anteriores, de Daly (1970) e Schulder (1970); ao demonstrar como

o machismo sustenta suas estruturas de poder e procura manter a figura da mulher eterna (DALY, 1970), além de também exercer esse poder através da legislação (SCHULDER, 1970).

Portanto, dos conceitos que Rich trouxe em seu ensaio, os mais relevantes para este trabalho são os de continuum lésbico, heterossexualidade compulsória e vida dupla; visto que eles abrangem as relações entre as personagens que serão analisadas. O texto de Rich auxilia a esclarecer as estruturas de poder presentes no estado de Gilead (que, se for analisado cautelosamente, não distancia-se muito da realidade atual) e seus efeitos sobre as mulheres que lá viviam.

#### **4. O poder da ditadura de Gilead sobre as relações femininas**

Tendo como objetivo compreender não somente em aspectos pessoais, mas também aspectos provocados pela institucionalização e controle das relações femininas estabelecidos pela sociedade de Gilead, o seguinte capítulo, direcionado a analisar *O Conto da Aia* considerando as teorias previamente explanadas, será dividido em dois subcapítulos. O primeiro terá como intuito uma análise do panorama geral da situação feminina no governo de Gilead, visando o controle sobre as mulheres de maneira institucionalizada. O segundo irá objetivar a análise das relações femininas presentes no livro, de maneira a refletir acerca dos conflitos internos e externos que as rodeiam.

##### **4.1. Gilead: uma sociedade baseada no controle das relações femininas**

Nos anos 1980, época em que Atwood escrevia *O Conto da Aia*, apesar das mudanças e novas demandas do movimento feminista (TOLAN, 2007), também havia oposição. Como dito no capítulo anterior, uma das principais forças contra a igualdade de gênero foi a igreja católica (DALY, 1970); sendo a causa feminista considerada como anormal para a instituição. Outrossim, as demandas do feminismo para uma melhor integração das mulheres na sociedade e um maior controle sobre suas vidas (SCHULDER, 1970), problemas ambientais eminentes e uma onda conservadora têm grandes chances de terem servido de inspiração para Atwood na criação da República de Gilead: uma sociedade pautada em princípios católicos e controle rígido sobre seus habitantes, em especial as mulheres (TOLAN, 2007).

Na obra, os Filhos de Jacob<sup>26</sup>, fundadores de Gilead, encontravam-se insatisfeitos com o rumo que a sociedade estava tomando, tendo em vista os grandes problemas ambientais e a decaída do nascimento de novos bebês para compor a sociedade. Tudo isso, somado à vontade de ter uma sociedade exclusivamente caucasiana por meio da supremacia branca e controlar o destino das mulheres e as tornar servas dos homens, os levou a tomar o controle estatal à força por meio da execução dos governantes da época. Tais justificativas misóginas e autoritárias são demonstradas num diálogo entre Offred e o Comandante:

O problema não era só com as mulheres, diz ele. O problema principal era com os homens. Não havia mais nada para eles.  
Nada?, pergunto. Mas eles tinham...  
Não havia nada para fazerem, diz ele.  
Eles poderiam ganhar dinheiro, digo [...]  
Não é o bastante, diz ele. É abstrato demais. Quero dizer que não havia nada para eles fazerem com as mulheres. (ATWOOD, 2017, p. 221)

Por basear-se em textos bíblicos, em especial do livro de Gênesis, para reger suas leis, os fundadores de Gilead idealizam sua utopia tendo como uma de suas principais premissas a ideia de que a mulher foi criada para ser subserviente ao homem e criar seus filhos; a figura da mulher eterna, a mulher naturalmente submissa (DALY, 1970). Sendo assim, visando um melhor “aproveitamento” de tudo o que as mulheres têm a oferecer, interseccionando gênero e classe, elaboraram um sistema de funções similar ao sistema de castas, onde não há mobilidade entre elas.

A figura da “Tia”, essa possuindo grande poder, é uma das mais altas patentes que uma mulher mais velha pode alcançar em Gilead; as Tias, ao contrário do restante das mulheres no regime totalitário, possuem permissão para ler e escrever; privilégio esse é ilegal ao restante das mulheres. Sua função, inicialmente, era a de “doutrinar” as aias para servir a República de Gilead, ensinando-as como se portar na casa e também a compreender a importância de seu papel. Além disso, elas também comandavam Salvamentos<sup>27</sup>, Rezavagâncias<sup>28</sup> e Dias do Nascimento<sup>29</sup>; que são eventos que envolvem as mulheres em Gilead.

---

<sup>26</sup> Um dos principais patriarcas bíblicos, tendo originado os Israelitas.

<sup>27</sup> Evento em Gilead exclusivamente para as mulheres, em que a presença é obrigatória apenas para Aias: o acontecimento consiste na execução por enforcamento de pessoas que transgridam normas; porém o evento era também utilizado para a execução de bodes expiatórios. Nos casos mais graves, a execução de um homem transgressor chegava a ser pelas mãos das Aias.

<sup>28</sup> Uma celebração obrigatória para todas, onde eram celebrados os casamentos arranjados entre as mulheres mais novas e os Anjos; também são feitos inúmeros discursos sobre o sucesso da República de Gilead.

<sup>29</sup> Obrigatório para Aias e Esposas, o Dia do Nascimento é quando uma Aia entra em trabalho de parto. As Aias e Esposas da região são levadas para a casa onde a/o bebê irá nascer, para fazer parte da cerimônia de nascimento.

[...] era desde o início de opinião que a melhor maneira e a mais eficiente em termos de custos de controlar as mulheres, para propósitos reprodutivos e outros, era por meio das próprias mulheres. Quanto a isso havia muitos precedentes históricos; de fato, nenhum império imposto pela força ou de outro modo jamais deixou de ter essa feição característica: o controle dos nativos por membros de seu próprio grupo. No caso de Gilead, existiam muitas mulheres dispostas a servir como Tias, fosse por causa de uma crença genuína no que chamavam de ‘valores tradicionais’, ou pelos benefícios que poderiam desse modo adquirir. (ATWOOD, 2017, p.320)

As Tias eram uma maneira de terceirização do poder: o que os homens precisariam fazer para doutrinar as principais peças do regime (aias) era feito por elas de maneira mais efetiva. A utilização da conexão inerente entre as mulheres em seu favor por meio do *continuum lésbico* (RICH, 1980) e a criação de uma figura que representasse autoridade, mas ao mesmo tempo que fosse relacionável para as futuras Aias, foi uma das peças-chave na instalação do regime totalitário.

Seguidamente, as esposas, sendo estas de comandantes de alto-escalão, são consideradas as que possuem mais poderes entre as mulheres. Suas vidas resumem-se a serem designadas a um marido de alto-escalão e tentar gerar uma criança. Não sucedendo, ela será obrigada a participar de cerimônias com seu marido e Aia, ainda com o fim da procriação. Com seu poder, uma esposa toma conta de todos os assuntos da casa: administrar Marthas, motoristas e Aias. Além disso, também lhes é conferido o poder de punir uma aia apenas com as mãos, se ela não lhe agrada. Sendo seu papel o da “esposa troféu”, a vida de uma esposa torna-se de certa forma vazia e as leva a tomar ações para preencher este espaço, o que é demonstrado em inúmeras passagens no romance.

A própria Serena de vez em quando tira uns dias de folga, fica enfiada na cama. Então é ela quem recebe as visitas, as Esposas com saias farfalhando ao subir as escadas, alegres estalando a língua; ela ganha os bolos e as tortas, a geléia e os buquês de flores de seus jardins.

Elas se revezam. Há algum tipo de lista, invisível, não falada. Cada uma cuida para não exigir mais do que deve de sua parcela de atenção. (ATWOOD, 2017, p.163)

Relativamente privilegiadas (não tanto quando as esposas ou tias), as econoesposas<sup>30</sup> são esposas de homens de menor escalão; por conta disso, elas não têm o direito de ter Marthas ou uma aia, todo o trabalho da casa deve ser feito por elas. Todos os casamentos na República de Gilead são arranjados.

---

<sup>30</sup> Apesar de muito se falar sobre as outras classes de mulheres, esta não é muito mencionada no livro e não há nenhuma personagem com este título, sendo limitadas apenas a uma breve descrição.

As Marthas são responsáveis por todo o trabalho doméstico, são mulheres que não possuem mais idade para ter filhos; tornando-se agora não somente uma questão de classe, mas também uma questão de idade. Não têm privilégios, já que vivem unicamente para limpar a casa do comandante e cozinhar, além de ser uma figura maternal. Ninguém sabe para onde as Marthas vão quando deixam de servir. Geralmente são elas quem criam e cuidam da criança da casa, se houver alguma, servindo muito bem ao estereótipo da escravizada que ama os patrões e suas crianças.

As Aias são mulheres que ainda encontram-se em idade fértil, e têm como único propósito gerar bebês para os comandantes:

O regime criou uma reserva imediata dessas mulheres ao declarar adúlteros todos os segundos casamentos e ligações extraconjugais, prendendo as parceiras de sexo feminino, e, com o fundamento de que elas eram moralmente inaptas, confiscando os filhos e filhas que já tivessem [...] Desse modo, homens ocupando altas posições no regime puderam escolher a dedo entre as mulheres que tinham demonstrado ser aptas reprodutivamente ao terem concebido e ter dado à luz uma ou mais crianças saudáveis, uma característica desejável numa era de índices de natalidade caucasianos em queda livre, um fenômeno observado não só em Gilead, mas também na maioria das sociedades caucasianas do norte na época. (ATWOOD, 2017, p. 316)

Indubitavelmente, as Aias foram as mulheres que passaram por mais doutrinação no regime de Gilead; para um trabalho de seu porte, elas deveriam crer em seu trabalho e não ter comportamentos desviantes. Acreditando ser sua única opção, as Aias passaram por um longo treinamento que consistia em aprender a preencher o grande tempo livre que teriam durante o dia com sonecas, exercícios tais quais como se portar em cerimônias e rituais e como a sociedade de Gilead era muito superior à vida que conheciam antes, num processo de alienação dessas mulheres.

Mas de quem foi a culpa?, diz tia Helena, levantando um dedo roliço.

*Dela, foi dela, foi dela*, entoamos em uníssono.

*Quem os seduziu?* Tia Helena sorri radiante, satisfeita conosco.

*Ela seduziu. Ela seduziu. Ela seduziu.*

Por que Deus permitiu que uma coisa tão terrível acontecesse?

Para lhe ensinar uma *lição*. Para lhe ensinar uma *lição*. [...] Ela tinha uma aparência repugnante: fraca, se retorcendo toda agitada, manchada, avermelhada, rosada como um camundongo recém-nascido. Nenhuma de nós queria ter aquela aparência nunca.

**Por um momento, apesar de sabermos o que estava sendo feito com ela, nós a desprezávamos.**

Bebê chorão. Bebê chorão. Bebê chorão.

E falávamos sério, sinceramente, o que é o pior. [...] Aquilo foi na semana passada. Nesta semana Janine não espera que comecemos com as zombarias. **Foi minha culpa**, diz ela. **Foi minha própria culpa. Eu os incitei, os seduzi. Mereci o sofrimento.**

**Muito bem, Janine**, diz tia Lydia. **Você é um exemplo**. (ATWOOD, 2017, p. 82, grifo da autora, grifo nosso em negrito)

Em virtude de sua função no meio social, apesar de muito enaltecida pelas Tias, as Aias encontram-se na casta mais ostracizada da República de Gilead; não conseguem estabelecer relações significativas com as esposas, não têm permissão em manter amizades entre si e nem com Marthas. Não podem ao menos usar seus próprios nomes, sendo obrigadas a serem identificadas pelo nome de seu comandante e o sufixo ‘of’, que significa ‘de’ (por exemplo: Of + Fred = Offred, de Fred), o que as torna propriedade de seus comandantes. Suas existências devem ser solitárias. As Aias, que deveriam ser símbolo de pureza, não devem manter amizades com membros da casa, nem entre elas; pois isso poderá acarretar em comportamentos indesejados por Gilead, como a contestação de suas políticas. Além disso, por serem sujeitadas a estupro, as Aias têm mais propensão à rebeldia, se unidas, sendo este um dos principais motivos pelos quais elas devem ser alienadas para temer umas as outras.

Entretanto, ainda há uma parte da população feminina de Gilead que vive no limbo, esquecida. As que não corroboram com as práticas de Gilead – ou que por algum motivo não servem para a sociedade – e são relativamente jovens são apresentadas a duas opções: trabalhar como prostituta num clube clandestino chamado Jezebel<sup>31</sup> ou ser mandada para as colônias. Tal clube é utilizado não somente para entreter homens de outros países que vieram à negócios, mas também os próprios comandantes do alto escalão de Gilead. Quando velhas e “gastas”, “desprovidas” de sua sensualidade, essas mulheres são enviadas direto para as colônias; trabalhando com agricultura ou em contato com lixo tóxico.

- E então? – pergunta. – O que acha de nosso clubezinho?

Olho ao meu redor de novo. Os homens não são homogêneos, como pensei de início. Lá adiante, junto à fonte, há um grupo de japoneses, de ternos de um tom cinza mais para o claro, e no canto mais afastado há uma mancha branca: árabes, naquelas amplas túnicas longas que eles usam [...]

- É um clube? – pergunto

- Bem, é assim que chamamos, entre nós. O clube.

- Pensei que esse tipo de coisa fosse estritamente proibido.

- Bem, oficialmente, é – diz ele. – Mas, afinal, todo mundo é humano. (ATWOOD, 2017, p. 248)

A decisão por separar as mulheres por classes é claramente uma manobra de manter o poderio exclusivamente masculino (GOUGH *apud* RICH, 1980), sem preocupar-se com a resistência feminina, já que o número de punições por transgressões e a vigilância constante é de tamanha pressão que as apavora, resultando numa complacência apenas externa. Ademais,

<sup>31</sup> Figura bíblica relacionada à impureza.



esta segregação não se dá apenas em nível de funções, mas também de vestimenta. As Aias, por sua função reprodutiva, não podem mostrar a face, então são utilizados véus e grandes abas para cobrir seus rostos; além disso, suas roupas são sempre de mangas longas e de cor vermelho vivo, possivelmente para representar o fruto proibido, demarcar sua segregação e para destacar sua função das demais. O restante das mulheres, apesar de terem a permissão de mostrar suas faces, ainda são separadas pelo uso de determinadas cores<sup>32</sup>, o que delimita a qual classe elas pertencem.

Por meio de sua constituição, Gilead põe em prática todas as características citadas por Rich em seu texto (GOUGH *apud* RICH, 1980). O estado **nega a sexualidade** dessas mulheres, não as permitindo ter qualquer tipo de liberdade sexual e higienizando as práticas sexuais das mulheres; **força a sexualidade da mulher** por meio de estupros institucionalizados; **comanda e explora seu trabalho e produção** ao dividi-las por rótulos separados unicamente para servir aos homens; **controla e rouba suas crianças** ao sequestrar inicialmente as(os) filhas(os) das futuras Aias, e logo após destituir a Aia de qualquer direito como mãe de sua criança com um comandante; **confina-as fisicamente** com códigos de vestimenta, estupros e papéis sociais premeditados; as utiliza como **objetos em transações masculinas** ao criar um clube clandestino que recebe turistas e homens de negócios de todo o mundo; **limita sua criatividade** ao confiná-la em um único papel social, colocando todas as “necessidades” do homem em primeira instância; e, por fim, **impede seu acesso ao conhecimento** pelo não acesso à leitura e a total exclusão em funções tipicamente não femininas.

Além disso, esta divisão das mulheres por castas ainda utiliza da grande força de unidade das mulheres, o *continuum lésbico* (RICH, 1980), a favor da disseminação do próprio poder masculino. Em grupos separados, apesar de sempre terem companhia e se sentirem relativamente confortáveis, sempre há desconfiança entre as mulheres, o que não as permite criar laços significativos. As Aias possuem outra Aia como parceira de compras, todavia, a relação entre elas é muitas vezes engessada, tanto por desconfiança quanto pela vigilância externa, que não as permite ter amizades. Marthas não são permitidas a terem laços afetivos com as Aias, apesar de serem livres para amizades entre elas. A República de Gilead usa do continuum lésbico institucionalmente, tanto para unir quanto para descentralizar o poder das mulheres, de forma a impedir que formem qualquer tipo de resistência. Mas ainda assim, a resistência encontra-se presente na narrativa.

---

<sup>32</sup> Esposas de azul; Econoesposas de vestidos listrados; Tias de vestidos cáqui; Marthas de verde.

Considerando esta breve contextualização do enredo do romance e as características mais importantes para este trabalho, como, por exemplo, a divisão das mulheres em classes e funções, o idadismo que permeia as funções mais baixas (Marthas, Aias e Jezebéis) e o que a República de Gilead faz para diluir o poder feminino, prosseguiremos com a análise. Portanto, na próxima seção será apresentada a análise das principais relações femininas de *O Conto da Aia*, a partir das personagens: Offred, Serena Joy, Moira, mãe de Offred, Ofglen e “a Offred anterior”, Tia Lydia, Cora e Rita.

#### **4.2. As nuances do continuum lésbico nas relações de personagens femininas em *O Conto da Aia***

Apesar de o governo Gileadiano ter se esforçado para criar um sistema de vigilância sobre as mulheres em que elas mesmas atuam como espiãs, o fator da cumplicidade e da conexão feminina, além da própria não-aceitação do regime de maneira internalizada, passaram despercebidos por tal governo. Estes fatores podem parecer mínimos quando se leva em consideração apenas o grande cenário. No entanto, diversos momentos de cumplicidade e de empatia são percebidos no decorrer da narrativa entre mulheres das diferentes castas sociais. Para analisar tais nuances, serão analisadas algumas das relações mais significativas entre Offred e outras personagens femininas, especificamente: Moira, a mãe de Offred, Ofglen, a “Offred anterior”, Cora, Rita, Serena Joy e Tia Lydia; que demonstram o conflituoso impasse entre a empatia e resistência e a conformidade. Durante a análise, será utilizada a seguinte pergunta norteadora: de que forma a relação entre essas mulheres quebra ou reforça o *continuum lésbico* e como o magnetismo dessas relações é demonstrado?

Antes de adentrar especificamente nas estruturas femininas da sociedade de Gilead, citemos primeiro duas figuras que, no decorrer da narrativa, demonstram suas importâncias na psique de Offred, principalmente no que concerne à resistência. Com *flashbacks* constantes de seu passado, Offred lembra-se constantemente de sua mãe e sua melhor amiga, Moira; duas figuras com as quais ela não somente discutia questões relacionadas a pautas feministas, mas também com quem ela tinha uma forte conexão.

Eu admirava minha mãe em alguns sentidos, embora as coisas entre nós nunca fossem fáceis. Achava que ela tinha um excesso de expectativas, esperava demais de mim. Esperava que eu justificasse sua vida para ela, e as escolhas que havia feito. Eu não queria viver minha vida nos termos dela. Não queria ser a filha modelo, a encarnação de suas ideias. Costumávamos brigar por causa disso. Não sou sua justificativa para existir, disse-lhe certa vez.

Eu a quero de volta. Quero tudo de volta, da maneira como era. Mas não adianta nada, não tem nenhum objetivo, esse querer. (ATWOOD, 2017, p. 132)

A mãe de Offred<sup>33</sup> era ativista pelos direitos da mulher; tendo participado de passeatas, protestos e queimas de artigos pornográficos, ela tinha expectativas de que sua filha herdasse a mesma paixão que tinha pela igualdade de gênero. Entretanto, as peculiaridades de Offred e sua geração a faziam não compreender sua mãe e seus ideais, como pode ser observado no excerto abaixo:

Vocês jovens não dão valor às coisas, dizia. Não sabem as coisas por que tivemos que passar, só para conseguir fazer com que vocês chegassem onde estão. Olhe si para ele cortando as cenouras. Vocês não sabem quantas vidas de mulheres, quantos *corpos* de mulheres os tanques tiveram que passar por cima só para chegar a este ponto? [...]

Por nada, dizia ela com amargura. Você chama isso de nada. Você não entende, não é. Você não entende absolutamente nada do que estou falando. (ATWOOD, 2017, p.131, grifo da autora)

Mesmo apreciando sua autonomia, seu emprego e sua liberdade de escolha, Offred não via como relevantes os discursos de sua mãe e de sua amiga; pois, para ela, a igualdade já havia sido alcançada e não haveria possibilidade de uma mudança de cenário. Por já ter seus “direitos garantidos”, ela não compreendia de onde vinham os discursos delas e o porquê delas estarem sempre com grupos de mulheres, se identificando muito mais com a relação que tinha com seu marido, quebrando o *continuum lésbico*. A epifania que acompanha a percepção da importância das pautas do movimento feminista chega tardiamente para Offred, no momento onde ela é passada a ser vista meramente como uma propriedade, uma incubadora humana. No meio do mundo rígido no qual vive, Offred busca nas memórias de sua mãe e de sua amiga uma maneira de sobreviver.

Mãe, penso. Onde quer que você possa estar. Pode me ouvir? Você queria uma cultura de mulheres. Bem, agora existe uma. Não é como a que você queria, mas existe. **Dê graças a Deus pelo pouco que tem.**<sup>34</sup> (ATWOOD, 2017, p.137, grifo nosso)

A natureza da relação de Offred com sua mãe sempre foi conflituosa e questionadora. Em contrapartida, apesar de questionar e zombar dos ideais de Moira, Offred sempre teve uma relação de confiança e afeto com sua melhor amiga. Mais do que suas memórias com sua mãe, ela agarra-se às memórias com Moira para ter esperanças do fim do regime de Gilead e

---

<sup>33</sup> Nome não revelado na narrativa.

para ter coragem de resistir e persistir em sua existência, muitas vezes a vendo como sua heroína. A presença de sua amiga, mesmo que apenas em sua mente, é o que mantém Offred sã em sua existência solitária, sendo ela a única lembrança que tem de amizade. Tal fato é provado tendo em vista os inúmeros *fashbacks* de seus momentos de confiança com Moira.

Ninguém fala muito, embora haja um farfalhar, e as cabeças das mulheres se movam furtivamente de um lado para o outro: aqui, fazendo compras, é onde você poder ver alguém que conhece, alguém que conheceu no tempo de antes, ou no Centro Vermelho. O simples fato de vislumbrar um rosto assim é um encorajamento. Se eu pudesse ver Moira, apenas vê-la, saber que ela ainda existe. É difícil imaginar isso agora, ter uma amiga. (ATWOOD, 2017, p.35)

Como demonstrado no trecho acima, havia em Offred um anseio em ver alguém conhecida. Em meio à leve resistência instigada pelo farfalhar, às cabeças femininas inquietas e receosas para encontrar conforto em meio à multidão, Offred participa da agitação silenciosa à procura de Moira. Ver sua amiga, apenas um vislumbre do rosto daquela que lhe é como uma irmã, iria concedê-la a força de que necessita para continuar existindo, mesmo que em segredo; as outras Aias provavelmente partilham de seu desejo.

Offred vê em Moira a mulher que ela poderia ser, uma mulher que tem chances de escapar do regime de Gilead, que possui vontade de resistir, não sendo apenas mais uma Aia complacente. Todavia, por não concordar com o que é forçada a fazer, as fantasias de escapar do regime permanecem, mesmo que apenas em sua mente. Sendo assim, fica evidente que o medo de ser pega e punida é maior do que a vontade de ser livre.

Se eu fosse Moira, saberia como desmontá-lo, reduzi-lo às partes cortantes. Não tenho nenhuma chave de parafuso, mas se fosse Moira seria capaz de fazê-lo sem uma chave de parafuso. **Eu não sou Moira**<sup>35</sup>. (ATWOOD, 2017, p. 180, grifo nosso)

Pelo trecho acima, percebe-se que Offred, de certa forma, personifica o ato de resistir em Moira, transformando-a em uma espécie de alter ego<sup>36</sup>, acreditando não ser forte o suficiente para atos rebeldes. Ademais, isto também é comprovado por sua constante comparação com sua amiga no decorrer da narrativa, trazendo reflexões sobre o que Moira faria ou não em determinadas situações e o que ela diria sobre certas atitudes que estava tomando. Pode-se comprovar no trecho em que encontra-se com seu comandante em segredo:

---

<sup>36</sup> Sendo o alter ego um “eu” perfeito.

“O que me diria ela, sobre o Comandante, se estivesse aqui? Provavelmente desaprovava” (ATWOOD, 2017, p.180).

As imagens de sua mãe e Moira são para Offred imagens da perfeita resistência: rebeldes, imprudentes e seguras de si. Porém, ao longo da narrativa a personagem se depara com situações que provam que as duas, como qualquer pessoa, são imperfeitas e têm tanto medo quanto ela. Tendo fugido do Centro Vermelho de Gilead, Moira foi pega ao tentar fugir do país e dada duas opções: ser mandada para as Colônias ou trabalhar no Jezebel's como prostituta.

“De modo que aqui estou. Eles nos dão até creme facial. Você deveria arranjar alguma maneira de entrar para cá. Teria três ou quatro bons anos antes que a boceta ficasse gasta e eles mandassem você para o cemitério. A comida não é má e tem bebida e drogas, se você quiser, e só trabalhamos à noite.”

- Moira – digo. – Você não está falando sério. – Ela agora está me assustando, por que o que ouço em sua voz é indiferença, uma falta de volição. Então, será que realmente fizeram isso com ela, tiraram-lhe alguma coisa, o quê?, que costumava ser uma parte tão essencial dela? Mas como posso esperar que Moira continue, com minha idealização de sua coragem, que viva à altura dela, que aja de acordo com ela, quando eu mesma não o faço?

Não quero que Moira seja como eu. (ATWOOD, 2017, p. 261)

A partir do momento em que Offred percebe que nem sua mãe nem sua amiga são páreos para o opressor regime de Gilead, é como se um gatilho tivesse sido pressionado e ela perdesse a vontade de resistir. Os dois pilares que a mantinham equilibrada desmoronam e Offred, já sozinha fisicamente, se depara com a solidão psicológica: para ela, não há mais sentido em resistir se seus dois maiores exemplos se foram.

Outrossim, Offred encontra certo consolo em duas Aias: uma que vive até o final da trama, e outra que se suicidou antes de conhecê-la. A relação entre Aias é, inicialmente, de desconfiança. Apesar de muitas não serem fieis ao totalitarismo de Gilead, algumas não resistem à doutrinação das Tias e agora então começam a ser cegamente fieis ao governo. Seus atuais nomes não deixam muita margem para serem algo além de uma propriedade. Para construir relações entre si, é necessário agir com cautela para não ser pega; e foi assim, por meio de subentendidos, que Ofglen e Offred começaram a desenvolver o que, à primeira vista, foi amizade; como demonstrado no seguinte fragmento:

Nós andamos, de cabeça baixa como de hábito. Estou tão entusiasmada que mal consigo respirar, mas mantenho um passo regular. Agora mais do que nunca tenho que evitar atrair atenção para mim mesma.

- Pensei que você fosse uma verdadeira crente – diz Ofglen.

- E eu pensei que você fosse – digo.

- Você era tão insuportavelmente devota.

- Você também – respondo. Tenho vontade de rir, gritar, abraçá-la.

- Você pode se juntar a nós – diz ela.
- Nós? – digo. Então existem outras, existe um nós, eu sabia.
- Você não imaginou que eu fosse a única. – diz ela. (ATWOOD, 2017, p.177)

Em Ofglen, Offred viu a possibilidade não apenas de ter uma amiga, mas também ter contato com toda uma rede de pessoas, especialmente outras mulheres, que eram contra a tirania do governo e estavam trabalhando clandestinamente para tentar derrubá-lo. Poder compartilhar experiências com Ofglen em suas caminhadas juntas tornou Offred confiante e empoderada, o que reforça o *continuum lésbico*. No entanto, ao decepcionar-se com a situação de Moira e começar a ter um caso com o motorista do comandante, a protagonista deixa de crer na possibilidade de uma melhora em sua situação atual, quebrando o continuum: “Mal ouço o que diz, não confio mais nela. As coisas que sussurra me parecem irreais. Que utilidade têm, para mim, agora?” (ATWOOD, 2017, p.282).

Desprovida de fé, o medo que Offred sente em relação a o que pode acontecer com ela caso seja pega burlando as leis se intensifica, motivo pelo qual repele Ofglen em suas tentativas de fazê-la cooperar com o *Mayday*<sup>37</sup>. “Ofglen está desistindo de mim. Ela sussurra menos, fala mais a respeito do tempo. Não sinto arrependimento por isso. Sinto alívio.” (ATWOOD, 2017, p.283). Após Ofglen cometer suicídio antes de ser pega pelos Olhos<sup>38</sup>, Offred, sendo designada à outra Ofglen diferente da que conhecia, teria que retornar todo o processo de conhecer sua nova parceira de passeio, ouvindo-a cuidadosamente antes de falar quaisquer reclamações contra o regime de Gilead. Por outro lado, com seu medo em ser pega transgredindo o sistema, Offred sente-se aliviada pela morte de sua então companheira.

Então ela está morta, e eu estou segura, afinal. Ela o fez antes que eles viessem. Sinto um imenso alívio. Sinto-me agradecida a ela. Morreu para que eu possa viver. Chorarei sua morte mais tarde.

A menos que esta mulher esteja mentindo. Sempre existe essa possibilidade. [...]

Sei que isso não pode estar certo, mas penso de qualquer maneira. Tudo que me ensinaram no Centro Vermelho, tudo a que resisti, flui para dentro de mim numa torrente. Não quero dor. Não quero ser uma dançarina, com os pés no ar, minha cabeça num retângulo de pano branco. Não quero ser uma boneca dependurada no Muro, não quero ser um anjo sem asas. **Quero continuar vivendo, de qualquer forma que seja. Renuncio a meu corpo voluntariamente, para submetê-lo ao uso de outros. Eles podem fazer o que quiserem comigo. Sou abjeta.**

Sinto, pela primeira vez, o poder deles. (ATWOOD, 2017, p.298, grifo nosso)

Pelo trecho acima, é possível compreender que a morte de Ofglen (juntamente com a queda de Moira) despertou em Offred o impulso em ser complacente, o medo de seus

<sup>37</sup> Grupo secreto que tem como principal objetivo tirar os filhos de Jacob do poder.

<sup>38</sup> Serviço secreto de vigilância do governo de Gilead.

pensamentos rebeldes e o desejo de sobreviver. A relação entre Ofglen e Offred é uma linha curva, onde, em seu ponto mais alto, elas tornaram-se confidentes, esperançosas por uma melhor realidade; e em seu mais baixo tornaram-se estranhas. Ao descobrir que têm em comum o repúdio pelo regime opressor de Gilead, há identificação instantânea e vontade de partilhar o que sabem sobre o que está acontecendo; tentando ajudar Ofglen, Offred sente-se útil e esperançosa. Entretanto, ao se ver envolvida em relações com seu comandante e com o motorista da casa, numa relação de identificação com homens, Offred sente-se impotente.

Além disso, a frase de grande destaque do livro (presente no título deste trabalho), *Nolite te bastardes carborundorum*, que significa “Não deixe que os bastardos esmaguem você” (ATWOOD, 2017, p.197), foi escrita pela Aia que havia estado antes na mesma casa que Offred, sendo, portanto, a Offred “anterior”.

Agrada-me refletir sobre essa mensagem. **Agrada-me pensar que estou em comunhão com ela, essa mulher desconhecida.** [...] Agrada-me saber que sua mensagem tabu conseguiu chegar a pelo menos outra pessoa, que se fez carregar por si mesma, deixada sobre a parede de meu armário, foi aberta e lida por mim. Por vezes repito as palavras para mim mesma. **Elas me dão uma pequena alegria.** Quando imagino a mulher que as escreveu, penso nela como sendo mais ou menos da minha idade [...] **Eu a transformo em Moira, Moira como ela era quando estava na faculdade, no quarto ao lado do meu, ardilosa, animada, atlética [...]** Sardas, penso; irreverente, criativa. (ATWOOD, 2017, p.62, grifo nosso)

Como dito no fragmento acima, ao ver a frase escrita em seu armário, Offred sentiu uma conexão instantânea com a mulher que a havia escrito; até mesmo a personificou como sua melhor amiga, uma pessoa com quem se sentia segura. Proferir as palavras do armário parecem soar para a personagem como um mantra. A sensação de paz ao pronunciar essa frase, bem como a sensação de comunhão com esta mulher que não conheceu duraram até Offred perder as esperanças e a vontade de lutar, evitando o magnetismo que sentia em relação às outras mulheres. A ideia de que havia outra mulher que tinha passado pela mesma situação que ela e que deixou palavras de encorajamento foi o que a manteve resistindo até seu ponto de ruptura.

As Aias, por serem peças-chave na sociedade de Gilead, estavam sob vigilância constante através do resto das pessoas, inclusive por elas mesmas. Por isso, o fato de fazer e manter amizades tornava-se complicado. Por outro lado, as Aias ainda sororizavam e eram gentis entre si, mesmo sem conhecerem-se de fato; só não o suficiente para formar uma resistência contra Gilead.

Relacionando-se similarmente entre si, as Marthas, que cuidavam dos afazeres domésticos, por muitas vezes repudiavam as Aias e as tratavam como crianças ou procuravam

não ter qualquer tipo de amizade com elas, já que eram, de certa forma, proibidas, havendo uma quebra do *continuum lésbico*.

Hoje, a respeito do semblante de carrancudo de Rita e dos lábios cerrados, eu gostaria de ficar aqui, na cozinha. [...] Daríamos acenos de cabeça, à guisa de pontuação para as vozes umas das outras, num sinal de que sim, sabemos tudo a respeito disso. Trocaríamos remédios e tentaríamos superar umas às outras no relato de nossos sofrimentos físicos, nos queixaríamos suavemente [...] *Eu sei do que você está falando*, diríamos. [...] Ou falaríamos da vida dos outros. As Marthas sabem de coisas, conversam entre si, transmitindo as notícias não oficiais de casa em casa. Assim como eu, elas ficam a escutar por trás das portas, sem dúvida, e veem coisas mesmo com os olhos desviados. [...] **As Marthas não devem confraternizar conosco.** (ATWOOD, 2017, p. 20, grifo da autora, grifo nosso em negrito.)

Mesmo sendo proibidas de terem amizades com Offred, Rita e Cora, as Marthas da casa, a deixavam ficar na cozinha para terem companhia. Por ter uma existência muito solitária, Offred, mesmo sabendo que Rita não gostava dela, sempre procurou estar perto dela e de Cora e ouvir suas conversas; já que elas ainda eram as únicas na casa que interagiam com ela. Em contraste com o tratamento rude que dá a Offred, Rita demonstra, em determinados momentos, entender a situação de vida em que Offred se encontra, como demonstrado no seguinte fragmento:

Então tira um cubo de gelo da tigela e o enfia na boca. Esse é um gesto incomum para ela. Nunca a vi mordiscar nada enquanto trabalha.  
 - Pode pegar um desses também – diz. – Uma vergonha, fazer vocês usarem todas essas fronhas na cabeça, com esse tempo.  
 Fico surpreendida: ela em geral não me oferece nada. Talvez ache que se meu prestígio aumentou o suficiente para receber um fósforo, ela pode se dar ao luxo de fazer seu próprio gesto. [...]  
 - Obrigada – digo. [...] Estes rabanetes estão bem bonitos – digo, em troca pelo presente que ela me deu, por livre e espontânea vontade.  
 - Gosto de fazer as coisas bem feitas, só isso – diz ela, resmungando de novo. – De outra maneira não faz sentido. (ATWOOD, 2017, p.219)

Falar sobre a quentura das roupas demonstra que Rita compreende pelo que Offred passa, sendo um indicativo de que a desaprovação que Offred pensava que era sobre ela em si, na verdade pode ser um desacordo com a situação como um todo (o fato de ser tratada como propriedade, não poder vestir roupas que a deixa livre, não poder utilizar seu próprio nome e ser obrigada a procriar) ou provavelmente baseada em experiências anteriores da casa com as Aias:

[...] certa vez ouvi Rita dizer para Cora que não se rebaixaria dessa maneira. Ninguém está lhe pedindo que o faça, retrucou Cora. De qualquer maneira, o que você poderia fazer, se acontecesse?



Ir para as Colônias, respondeu Rita. Elas têm essa escolha.  
 Com as Não mulheres, e morrer de fome e Deus sabe o que mais?, disse Cora.  
 Agora te peguei.[...]  
 De qualquer maneira, elas estão fazendo isso por todos nós, disse Cora, ou pelo menos é o que dizem. Se eu não tivesse ligado as trompas, poderia ter sido eu, digamos, se fosse dez anos mais moça. Afinal, **não é assim tão ruim**. Não é o que se consideraria trabalho pesado.  
 Antes ela do que eu, disse Rita [...] (ATWOOD, 2017, p.20, grifo nosso)

Concomitantemente com o fato de demonstrar entender o que se passa com Offred, Rita ainda possui um olhar julgador sobre as “escolhas” de Offred; e Cora, apesar de ser gentil com Offred, tenta acreditar na justificativa de Gilead de que a função dela é “necessária” para a sociedade. Outrossim, além de em muitos momentos as Marthas tratarem Offred de maneira infantilizada, também há momentos em que ela é tratada como mero objeto, como apontado pela própria Offred, numa dos dias onde haveria a Cerimônia: “Elas estão falando de mim como se eu não pudesse ouvir. Para elas eu sou uma tarefa doméstica [...]” (ATWOOD, 2017, p.58).

Offred, apesar de sentir-se rejeitada e objetificada pelas Marthas, ainda procura obter aprovação por elas, sentindo o peso da expectativa de todos para vê-la grávida. Com Cora, como ilustrado no trecho abaixo, sua concepção é a de que o tratamento que recebe por ela é unicamente porque ela representa a chance de se ter uma criança em casa, o que a faz não sentir-se merecedora de tal tratamento, visto que até então não havia tido nenhum sinal que pudesse indicar que estava grávida:

- Talvez nós tenhamos um, em breve – diz ela, timidamente. Por *nós*, está se referindo a mim. **Cabe a mim reembolsar a equipe, justificar minha comida e cuidados, como uma formiga rainha com ovos**. Rita pode desaprovar minha existência, mas Cora não. Em vez disso ela conta comigo. Ela tem esperança, e eu sou o veículo de sua esperança.  
 Sua esperança é a do tipo mais simples. Ela quer um Dia de Nascimento, aqui, com convidados e comida e presentes, quer uma criancinha para encher de mimos na cozinha, para passar as roupas, para encher de biscoitinhos quando ninguém estiver olhando. **Devo lhe proporcionar essas alegrias. Eu preferiria ter a desaprovação, sinto-me mais merecedora dela**. (ATWOOD, 2017, p.145, grifo da autora, grifo nosso)

Apesar de insuficiente, a relação de Offred com Rita e Cora é a mais verdadeira que ela pôde ter na casa do comandante. Com Serena Joy, sua relação possui inúmeros conflitos internos e complexos, sendo quase totalmente quebrada em relação ao *continuum lésbico*, pois fica claro em vários momentos que ambas possuem empatia pela situação da outra, porém ainda têm sentimentos de inveja e raiva que são provocados pelo cumprimento forçado dos papéis de esposa e de Aia.

Serena Joy nunca foi seu nome verdadeiro, nem mesmo naquela época. O nome dela era Pam. Li isso num perfil sobre ela numa revista de notícias, muito depois de tê-la visto cantar na televisão [...] Naquela altura, ela já não cantava mais, estava fazendo discursos. Era boa oradora, sabia fazê-los. Seus discursos eram sobre a santidade do lar, sobre como as mulheres deveriam ficar em casa. Ela mesmo não ficava, em vez disso, Serena Joy fazia discursos, mas apresentava essa sua falha como **um sacrifício que estava fazendo pelo bem de todos**. (ATWOOD, 2017, p. 55, grifo nosso)

Como pode ser depreendido pelo trecho, Serena Joy, antes do regime totalitário de Gilead ser estabelecido, mostrava-se favorável ao que iria ser pregado por ele, além de disseminar com fervor a imagem da mulher eterna (DALY, 1970), que tem como dever ficar em casa e cuidar do lar, das crianças e do marido. Seu nome artístico traz as palavras “Serenidade” e “Alegria”, contrastando entre as imagens de tristeza e raiva que Offred descreve sobre ela. Ela vivia em uma realidade onde havia a liberdade de expor suas concepções ideológicas sem ser punida, de participar ativamente da sociedade e de contribuir para discussões pertinentes em sua comunidade.

Entretanto, ao ser estabelecida a república de Gilead, e assim ser designada o papel de esposa, ela tornou-se um mero acessório para seu marido. Não havia muito a ser feito por ela em tarefas domésticas, já que basicamente tudo era feito pelas Marthas; era infértil, então designaram uma Aia para sua casa. Sua vida de oradora chegara ao fim, e as poucas coisas sobre as quais ainda tinha controle eram seu jardim, os cachecóis que tanto costurava, as Marthas e a Aia. Inicialmente, Serena Joy procura não ter proximidade alguma com Offred, tratando-a com frieza e até mesmo como objeto, podendo ser observado no fragmento abaixo:

Não me sento, mas me ponho em meu lugar, ajoelhada, perto da cadeira com o banquinho de apoio para os pés, onde Serena Joy logo virá se entronizar, apoiada em sua bengala enquanto arria-se para tomar assento. Possivelmente ela colocará uma das mãos sobre meu ombro, para se firmar, como se eu fosse uma peça de mobília. Já fez isso antes. (ATWOOD, 2017, p.89)

A própria Serena, que também é tratada como objeto, reproduz este comportamento em Offred, num exemplo claro da teoria de repressão e projeção citada por Daly (1970). Offred, sendo tratada mal, passa a ter raiva de Serena e tratá-la com desdém em seus pensamentos. Os atritos vividos por elas se dão essencialmente em vista da situação a que foram submetidas: Serena como esposa troféu e Offred como barriga de aluguel.

Não apenas elas são forçadas pelo estado a ter esse convívio, mas também são obrigadas a, periodicamente e de acordo com o ciclo fértil da Aia, realizar juntamente ao

comandante da casa o que é chamado de Cerimônia, consistindo na tentativa de fecundar a Aia. Antes de tudo, todos da casa devem reunir-se para rezar e o comandante realiza a leitura de uma mesma passagem bíblica de Gênesis, onde Raquel pede a Jacob que fecunde sua serva para que possa ter filhos através dela. Após o feito, ficam apenas a Aia, a esposa e o comandante, num ritual onde a Aia deverá ficar entre as pernas da esposa e ser violentada pelo comandante por meio de estupro institucionalizado.

O que está acontecendo neste quarto, sob o dossel argênteo de Serena Joy, não é excitante. Não tem nada a ver com paixão ou amor, ou romance ou qualquer daquelas outras noções com as quais costumávamos nos empolgar. **Não tem nada a ver com desejo sexual, pelo menos não para mim, e certamente não para Serena.** (ATWOOD, 2017, p. 105, grifo nosso)

De certo, o ritual feito com regularidade tem como propósito espiritual a junção da Aia e da esposa em uma só, para que, teoricamente, a esposa tenha a criança através do útero da Aia. Este ritual tem continuação com o Dia de Nascimento, marcado pelo parto da criança, onde novamente há o posicionamento da Aia entre as pernas da esposa, com a presença das Aias e esposas das redondezas para auxiliar e celebrar o processo. Com o passar do tempo na casa, apesar de ainda invejar e ter raiva de Serena, Offred começa a refletir sobre o que se passa na cabeça dela, momento marcado inicialmente pela frase “Para qual de nós duas é pior, para ela ou para mim?” (ATWOOD, 2017, p.106)

Serena Joy tinha mudado para mim, também. Houve uma época em que eu apenas a odiava, **pelo papel que desempenhava no que estava sendo feito comigo; e porque ela também me odiava e se ressentia de minha presença, e porque seria ela quem criaria meu filho, se eu afinal fosse capaz de ter um.** Mas agora, embora ainda a odiasse, não mais do que antes [...] o ódio não era mais puro e simples. Em parte eu tinha inveja, ciúmes dela; mas como poderia eu sentir inveja e ciúmes **de uma mulher tão obviamente acabada, murcha e infeliz?** Você só pode invejar e ter ciúmes de alguém que tem alguma coisa que acha que você mesma deveria ter. Mesmo assim a invejava.

Mas também me sentia culpada com relação a ela. **Sentia que era uma intrusa, em um território que deveria ser seu.** Agora que eu estava vendo o Comandante às escondidas [...]

Por que deveria me importar?, disse a mim mesma. [...]

Além disso: eu agora tinha poder sobre ela, inferior, mas poder, embora ela não soubesse. E gostava disso. (ATWOOD, 2017, p.170, grifo nosso)

Pontuado pela própria Offred no trecho acima, a relação entre ela e Serena é complexa: ao mesmo tempo em que se desgostam, muito lutam contra o impulso de ajudar ou amparar uma a outra, focando-se nas relações com homens, que teoricamente as deixariam com mais poder (RICH, 1980). A relação entre elas atinge seu apogeu no momento em que

Serena se oferece para ajudar Offred a engravidar por meio de um encontro com o motorista da casa, o que satisfaria seu desejo profundo em ter uma criança e proporcionaria à Offred um futuro mais promissor sem que fosse necessário trabalhar nas colônias.

- Talvez ele não possa – diz ela.

Não sei a quem está se referindo. Quer dizer o Comandante ou Deus? Se for Deus, deveria dizer queira. **De todo modo é heresia.** São só as mulheres que não podem [...]

- Não – digo. – Talvez não possa.

Levanto o olhar para ela. Ela baixa o olhar para mim. **É a primeira vez que olhamos nos olhos uma da outra em muito tempo.** [...]

- Talvez – diz ela, segurando o cigarro, que não conseguiu acender. – Talvez você devesse tentar de outra maneira. (ATWOOD, 2017, p. 215)

Neste momento, ao conversar com Offred sobre tentar ser fecundada por outro homem, Serena une forças com ela para um bem comum; também oferecendo algum conforto ao oferecê-la cigarros e uma foto de sua filha. “[...] neste momento somos velhas amigas, [...] poderíamos estar conversando sobre um encontro [...]” (ATWOOD, 2017, p. 215) A cumplicidade entre as duas abre portas para a negociação: Serena para ter uma criança para chamar de sua e Offred por objetos e informações sobre sua filha, duas mulheres ajudando-se e à procura de relações primárias (RICH, 1980).

Entretanto, qualquer resquício de amizade que poderia haver entre elas desaparece quando Serena descobre sobre o contato de Offred com o comandante. Novamente, as duas tornam-se vítimas das circunstâncias; quando Offred apenas encontra-se com o comandante por medo do que ele possa lhe fazer, ele oferece a ela o que Serena nunca conseguiu, sua cumplicidade. Ainda assim, Serena permanece relativamente leal à Offred quando não denuncia suas atividades ilícitas com o comandante; também podendo essa lealdade ser interpretada como exclusivamente a ele.

Mais rígida do que a relação com as esposas, as Tias identificam-se diretamente com os filhos de Jacob, quase que totalmente fora do *continuum lésbico*, procurado igualar-se e obter mais poder por meio de relações identitárias com eles (RICH, 1980). Como primeira ideia, elas tinham como papel exclusivo acompanhar e doutrinar as Aias por meio de aulas e discursos passionais. Offred, em seus devaneios, retrata com clareza o que é dito por elas, em especial por uma chamada Tia Lydia.

Este é o coração de Gilead, onde a guerra não pode penetrar nem se intrometer, exceto pela televisão. Onde ficam os limites não sabemos ao certo, eles variam, de acordo com os ataques e contra-ataques; mas este é o centro, onde nada se move. A

República de Gilead, dizia Tia Lydia, **não conhece fronteiras, Gilead está dentro de você.** (ATWOOD, 2017, p.33, grifo nosso)

Com seus discursos patriotas, Tia Lydia procura convencer as Aias de que seu propósito é nobre, e que elas, na realidade, são as mais privilegiadas de Gilead por serem quem são, procurando naturalizar suas verdadeiras funções e justificar o motivo pelo qual são tão segregadas do restante da sociedade. Além disso, em suas declarações ela procurava fazê-las entender os horrores do passado e sua nobre tarefa de ensiná-las como deveriam se comportar nesta nova sociedade.

No parque, dizia Tia Lydia, deitados em mantas, homens e mulheres juntos às vezes, e depois de dizer isso ela começava a chorar, parada ali de pé na nossa frente, à vista de todas.

Estou dando tudo de mim, fazendo o melhor possível, dizia ela. **Estou tentando dar a vocês a melhor oportunidade que podem ter.** (ATWOOD, 2017, p. 65, grifo nosso)

Entre falas, Tia Lydia conseguiu conquistar várias Aias fiéis; porém, Offred sentia repulsa pelas Tias que conheceu. O modo através do qual Offred descreve Tia Lydia quase sempre beira em torno do repugnante, chegando a compará-la com camundongos. Outra característica marcante no tratamento das Tias às Aias é a de chamá-las apenas de “meninas”, termo infantil que denota inferioridade, relacionando-se com obediência e subordinação, além da invalidação de seu discurso.

Apesar de pensar que não havia sofrido o efeito da doutrinação das Tias, Offred, quando desprovida e desacreditada de todas as suas conexões significativas com outras mulheres (Ofglen, Moira e sua Mãe), é tomada pelo medo da República de Gilead e sente-se forçada a cooperar. Em meio a uma sociedade que está em processo de renascimento, as Tias são estimuladas a promover para as Aias a importância e benefício de seu papel e a função das outras mulheres, de modo a naturalizar este tipo de segregação.

Para as gerações que vierem depois, dizia Tia Lydia, **será tão melhor. As mulheres viverão juntas em harmonia, todas numa única família;** vocês serão como filhas para elas, e quando o nível da população voltar a subir de acordo com as expectativas, não precisaremos transferir vocês de uma casa para a outra porque haverá mulheres suficientes. **Poderão existir verdadeiros laços de afeto,** dizia ela, piscando para nós de maneira insinuante, sob condições como essas. **Mulheres unidas para um fim comum!** Ajudar umas as outras em suas tarefas cotidianas enquanto percorrem o caminho da vida juntas, cada uma desempenhando sua tarefa determinada. (ATWOOD, 2017, p. 171, grifo nosso)

Por meio de seus discursos, como pode ser notado pelo excerto acima, as Tias sugerem que no futuro a harmonia entre as mulheres será possível uma vez que cada uma estaria adaptada à sua função. Entretanto, elas irão adaptar-se à descentralização de seu poder e aceitar que não há maneira de exceder tal estrutura; assim encaixando-se no papel e comportamento que lhes é indicado (DALY, 1970).

Tendo em vista o que foi posto por Daly (1970) e o romance, todas as personagens têm funções que correspondem ao que é propagado pela teologia da mulher, supostamente todas estão fazendo o que é “natural” ao ser feminino. Além disso, a problemática da repressão e projeção é demonstrada principalmente nas relações entre Serena Joy e Offred e entre Tia Lydia e as Aias em geral, observa-se que as mulheres possuidoras de privilégios ainda se sentem lesadas, procurando, em seu turno, projetar suas frustrações naquelas tidas como inferiores. Considerando o texto de Schulder (1970), podemos observar uma realidade onde os direitos da mulher foram reduzidos uma vez que dependem de decisões masculinas. Na narrativa, as mulheres não podem participar em qualquer tipo de decisão que não seja ligada diretamente ao seu lar, sendo assim semelhante ao mencionado por Schulder. Ademais, remetendo a tempos mais antigos, presenciamos uma sociedade onde todas as suas leis e punições são pautadas na Bíblia, estas últimas tão temidas pelas mulheres.

Como teoria principal a ser trabalhada, o texto pioneiro de Rich (1980) encaixa-se muito bem na narrativa ao tratar de heterossexualidade compulsória e relações de identificação com homens como forma de obtenção de poder, além da questão do *continuum lésbico*. Sendo as relações femininas com maior tendência a criarem raízes mais profundas, as personagens femininas resistem à criação dessas raízes, ao passo que procuram ganhar a confiança em relações com o sexo oposto. Ao mesmo tempo, as personagens, em dados momentos, se dão conta da realidade desfavorável em que vivem, assim permitindo-se ter momentos de comunhão com outras mulheres, o que resulta, como apontado por Rich, em uma vida dupla onde ao passo que corroboram com o regime de Gilead, não concordam com suas ações. Tendo como referência a leitura de Rich (1980), na sociedade de Gilead, a heterossexualidade é a única maneira de sexualidade; sendo assim a lesbiandade punida e forçada a manter relações com homens (quando férteis). Por fim, ainda pode ser observado, como mencionado no subcapítulo anterior, as diversas maneiras que são utilizadas para manter o poderio masculino nessa sociedade, incluindo a escravização sexual da mulher.

## 5. Considerações Finais

Ao longo do presente trabalho, objetivamos comprovar o magnetismo das relações femininas na obra, bem como resistência feminina a estruturas de poder opressoras que se estabelecem institucional e conscientemente, esta pesquisa teve a análise de textos interpretativos da obra *O Conto da Aia*, a título de demonstrar a importância do estudo a ser realizado. Através dos textos das teóricas Mary Daly (1970), Diane B. Schulder (1970) e Adrienne Rich (1980) como referencial teórico, buscou-se reunir informações o suficiente para a interpretação de *O Conto da Aia*. Por fim, a obra *O Conto da Aia* teve algumas de suas relações femininas analisadas, bem como o lugar da mulher naquela sociedade, sob a ótica de tais textos críticos e teóricos.

Os filhos de Jacob idealizaram uma sociedade onde os homens brancos prosperariam e as mulheres seriam suas servas, trabalhando em prol da manutenção da figura da mulher eterna, uma mulher piedosa e mansa (DALY, 1970). Para tal, optaram por dividir as mulheres que comporiam essa sociedade num sistema de funções, todas trabalhando em harmonia para um objetivo em comum: ajudar os homens.

Ao observar algumas das relações entre as mulheres em *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, pode-se perceber que apesar de externamente conformadas com sua situação, Offred, Ofglen e a “Offred anterior”, Serena Joy, Cora e Rita apresentam em diversos momentos a vontade em unir forças para acabar com esta escravização das mulheres. Tal fato reforça a hipótese do magnetismo das relações femininas, este sendo representado através das nuances dessas relações na obra de Atwood, além do empoderamento trazido pela união de mulheres em prol de um mesmo fim.

Dito isto, a pesquisa contribui tanto para a área de estudos de gênero pela análise na complexidade nas relações femininas em situações extremas e a reprodução de estruturas de poder entre mulheres, quanto para uma expansão nos estudos da autora Margaret Atwood no âmbito brasileiro. Dada a atual conjectura da política mundial, com a disseminação de ideais conservadores em países como o Brasil e Estados Unidos, o estudo também promove um maior entendimento acerca das mulheres que optam ou são induzidas a concordar com tais ideais, cooperando com a manutenção do poder masculino sobre a sociedade. Ademais, é visada uma continuação desta pesquisa em uma pós graduação, com enfoque na personagem Serena Joy e suas contradições, bem como a publicação deste trabalho.

## Referências

ARENDT, Hanna. *Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

ATWOOD, Margaret. *O Conto da Aia*. Tradução: DEIRÓ, Ana. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

DALY, M. Women and the catholic church. In: MORGAN, R. (Ed.). *Sisterhood is Powerful: An Anthology of Writings From the Women's Liberation Movement*. New York: Vintage Books, 1970. p. 124-138.

DAVIES, Madeleine. Margaret Atwood's female bodies. In: HOWELLS, C. A. (Ed.). *The Cambridge Companion to Margaret Atwood*. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 58-71.

HAMMER, S. The World as It will Be? Female Satire and the Technology of Power in "The Handmaid's Tale". *Modern Language Studies*, Pennsylvania, v. 20, n. 2, p. 39-49, 1990.

HOWELLS, C. A. Margaret Atwood's dystopian visions: *The Handmaid's Tale* and *Oryx and Crake*. In: HOWELLS, C. A. (Ed.). *The Cambridge Companion to Margaret Atwood*. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 161-175.

JOHNSON, S.; STILLMAN, P. Identity, Complicity, and Resistance in The Handmaid's Tale. *Utopian Studies*, Pennsylvania, v. 5, n. 2, p. 70-86, 1994.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Signs*, Chicago, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.

SCHULDER, D. B. Does the law oppress women? In: MORGAN, R. (Ed.). *Sisterhood is Powerful: An Anthology of Writings From the Women's Liberation Movement*. New York: Vintage Books, 1970. p. 139-157.

TOLAN, F. *The Handmaid's Tale: Second Wave Feminism as Anti-Utopia*. In: TOLAN, F. *Margaret Atwood Feminism and Fiction*. New York: Rodopi, 2007. p. 144-173.